

LIBANUS

REVISTA

Nº 1 – JUNHO/ SET 2023

NESTA EDIÇÃO

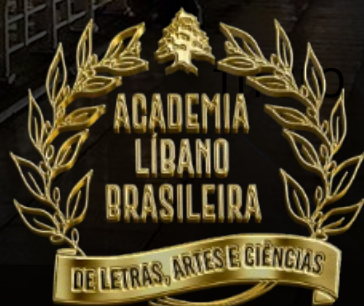
SINFONIA DE UM HOMEM COMUM
COMO NASCEU AV. BRASIL EM ZAHLE

ANCESTRALIDADE E GENÉTICA
VENCEDORES DO NOBEL DE MEDICINA

MÚSICA BRASIL-ÁRABE

ENTREVISTA: EVANDRO MESQUITA

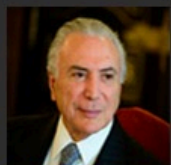
LÍBANO: UMA ECONOMIA SEQUESTRADA



ACADÊMICOS DE HONRA



PEDRO SIMON



MICHEL TEMER



ALEJANDRO BITAR



WALDIR JAZBIK



GABRIEL YARED



PAULO COELHO



RONY BARRAK

ACADÊMICOS



LUÍS CARLOS NEJAR



JOSÉ ROBERTO TADROS



ANDRÉA PACHÁ



JORGE KALIL



SAMIR BARGHOUTI



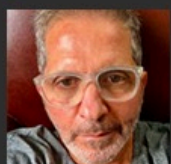
ROBERTO DUAILIBI



TÁRIK DE SOUZA FARHAT



DALAL ACHCAR



ANTÔNIO CARLOS MIGUEL



EVANDRO MESQUITA



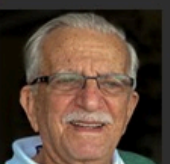
JOSÉ MAURÍCIO BUSTANI



ALCY CHUEICHE



ROBERTO FAISSAL



MIGUEL PACHÁ



RICARDO FEHALI



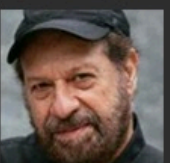
LINDA BUSTANI



RENATA ABALÉM



THEOPHILO MIGUEL



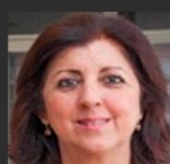
JOÃO BOSCO



GABRIEL CHALITA



KÁTIA CHALITA



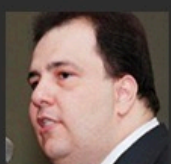
CÁSSIA CURAN TURCI



FRANCISCO REZEK



MUNA OMRAN



ADIB KASSOUF SAD



GUGA CHACRA



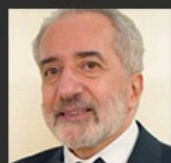
RAIMUNDO FAGNER



TIM RESCALA



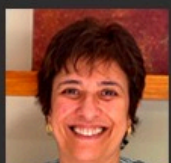
PAULO SAAD JAFET



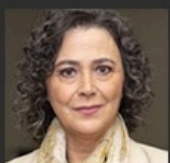
MAURÍCIO YOUNES-IBRAHIM



MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE




CRISTINA AYOUB RICHE




SORAYA SOUBHI SMALI

SÓCIOS CORRESPONDENTES




 MOUNIR SAFATLI



 ROBERTO KHATLAB



 MARISA A. THOMÉ



SUMÁRIO

LIBANUS REVISTA ELETRÔNICA DA ACADEMIA

Editorial

..... 6-7

Dr. Alejandro Bitar

Buscar contra o esquecimento a memória da criação

.....8

Dr. José Roberto Tadros

A herança da grandeza de um povo

.....9-11

Profa. Kátia Chalita

Chegar, ver, laborar e vencer: história libanesa com certeza

.....12-14

Tárik de Souza Farhat e Roberto Faissal

Música Brasil Árabe

.....15-19

Antônio Carlos Miguel

Foco de Luz em Salim Miguel

.....20-22

Dr. Alcy Cheuiche

Como nasceu em Zahlé a Avenida Brasil

.....23-27

Entrevista: Evandro Mesquita

.....28-30

SUMÁRIO

LIBANUS REVISTA ELETRÔNICA DA ACADEMIA

Dr. Maurício Younes-Ibrahim & Dr. Jorge Kalil

Ancestralidade, Genética e Epigenética - Medawar e Patapoutian

..... 31-33

Dr. Theophilo Miguel

João Sayad: a memória do economista

.....34-36

Dr. Samir Barghouti

Líbano: uma economia sequestrada

.....37-39

Profa. Marisa Avogardo Thomé

Com os cheiros das flores de laranjeiras: Nossa identidade através da cultura

.....40-42

Prof. Roberto Khatlab

Joseph e Jacob, entre os primeiros imigrantes Brasil-Líbano

.....43-46

Dr. Miguel Pachá

Memórias da imigração e o poeta Foed Castro Chamma

.....47-50

Profa. Dra. Cristina Ayoub Riche

“Que teus olhos sejam atendidos”

.....51-55

SUMÁRIO

LIBANUS REVISTA ELETRÔNICA DA ACADEMIA

Dr. Adib Kassouf Sad

A Escola de Direito de Beirute e a vocação dos libaneses

.....56-57

Rony Barrak

Rony Barrak - por ele mesmo

.....58-61

José Joffily

“Sinfonia de um homem comum”

.....62-65

Dra. Renata Abalém

Eu te desejo um mundo libanês

.....66-68

Contos Árabes.....69-70

CRÉDITOS

Corpo editorial Cristina Ayoub Riche (**editora**)/ Samir Barghouti (**sub-editor**)/ Soraya Kassouf Sad/ Marcos Moussallem, Tárik de Souza Farhat, Antônio Carlos Miguel (**Colaboradores**).

"A Revista Libanus é uma publicação sem fins lucrativos, com periodicidade trimestral. O conteúdo do(s) artigo(s) e textos publicados na Revista Libanus é de única e exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

A Revista Libanus e a Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências não se responsabilizam pelos ideários, conceitos, apreciações, julgamentos, opiniões e considerações apresentados nos textos dos artigos."

* Foto de capa: istock/gettyimage

© Copyright Libanus– 2023

EDITORIAL

UMA NOVA LUZ SE AGENDE PARA AS LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

Fruto da iniciativa inédita do Cônsul-geral do Líbano no Rio de Janeiro, filósofo, Dr. Alejandro Bitar, a Academia Líbano-brasileira de Letras, Artes e Ciências (ALB) é uma instituição cultural, inaugurada, em 09 de setembro de 2022, com sede no Rio de Janeiro, com o intuito de cultivar e preservar a criatividade literária, intelectual, artística e os valores culturais do Líbano e árabes no Brasil, além de salvaguardar, promover e divulgar as obras literárias, artísticas e de ciência dos seus patronos, fundadores e acadêmicos.

O propósito foi o de fundar uma instituição de excelência, já que libaneses, árabes e seus descendentes são parte importante e arraigada da cultura brasileira em todas as áreas, notadamente, nas letras, na literatura, na política, nas artes e nas ciências, há pelo menos um representante da colônia em cada um dos mais de 5000 municípios do Brasil. E assim, após o período pandêmico, especificamente, no mês de agosto de 2022, o encontro entre o Cônsul Geral, Dr. Alejandro Bitar e o escritor Carlos Nejar, poeta, ficcionista, tradutor, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras, de origem libanesa, foi fundamental para viabilizar a criação, no Brasil, da 1ª Academia Líbano-Brasileira de Literatura, Artes e Ciências. Carlos Nejar foi, então, convidado e aceitou a presidência de honra da Academia e José Roberto Trados, advogado, professor, membro da Academia Amazonense de Letras (AAL), presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), do Conselho Nacional do Serviço Social do Comércio (Sesc), do Conselho Nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e do Conselho Deliberativo do Sebrae Nacional, além de presidente da Academia de Ciências e Letras Jurídicas do Amazonas, assumiu o posto de presidente da ALB.

O surgimento da ALB é um marco feliz, para todos nós que tivemos a honra de participar da sua fundação e, certamente, também será para os que conhecerem suas narrativas, história e força diaspórica. A Academia nasce resplandecente como uma linda fênix e forte como os milenares cedros do Líbano.

Foi com muito entusiasmo que aceitamos o convite do Sr. Cônsul-geral para assumirmos a Editoria da revista Libanus, levando em consideração a possibilidade de construirmos um projeto de forma coletiva, reconhecendo em cada patrona (o), em cada acadêmica (o), a luz e a motivação para arriscarmos e vivermos a fundo esta nova experiência, tendo como norte o compromisso com o conhecimento, com a cultura, com a inovação científica e social e a disposição premente e permanente para divulgá-los, com base, também, na memória da nossa ancestralidade, que pode ser muito mais conhecida e difundida.

Ressalto a pertinência da revista Libanus como veículo de comunicação, expressão da perenidade da arte frente à demanda reflexiva dos tempos contemporâneos, do passado e do futuro! Não é despiciendo asseverar que o propósito da Revista, além da recuperação da memória dos nossos ancestrais, do fortalecimento das relações e da construção de novos laços, traz no seu bojo o debate de ideias, a troca de experiências e visão de mundo com sua divergência filosófica salutar, inerente à diversidade do pensamento dos patronos e dos acadêmicos, confrades e confreriras, que integram a Academia Líbano-brasileira de Letras, Artes e Ciências.

Herdeiros de uma incontestável riqueza intelectual, imaterial, buscamos honrar o nosso passado comum num interminável esforço de compreensão da verdade, sendo compelidos a lidar com uma multiplicidade de fazeres e saberes, muitas vezes até então desconhecidos de uma grande maioria, e isto, creiam, é além de salutar bastante desafiador. A revista Libanus passará a ser um desses espaços de diálogo possível e viabilizará a livre transmissão de conhecimentos que se interligam de forma potente e emancipatória.

A Revista pretende ser trimestral e este primeiro número foi construído com muito zelo e dedicação pelos queridos companheiros Marcos Maurice Moussallem, Samir Barghouti e pela querida companheira Soraya Kassouf Sad que integram o seu corpo editorial e contamos, ainda, com a colaboração dos acadêmicos Antônio Carlos Miguel e Tárík de Souza no Conselho Editorial. A esse grupo tão precioso nossos sinceros agradecimentos. Gratidão a todos os acadêmicos e acadêmicas que participam desta edição com os seus textos.

Uma homenagem póstuma ao saudoso e acadêmico Dr. Roberto Curi Hallal, que continua vivo em nossos corações, sua inteligência, sua sabedoria, sua capacidade de estar no mundo servem de norte para os nossos trabalhos!

Por tudo isso, muito nos honra convidar à leitura desta publicação que abriga artigos, ensaios, contos, a nos fazer conhecer e reconhecer a vivacidade artística, científica, literária, histórica e cultural Líbano-brasileira.

Profa. Dra. Cristina Ayoub Riche

Editora da Revista Libanus



BUSCAR CONTRA O ESQUECIMENTO A MEMÓRIA DA CRIAÇÃO



Dr. Alejandro Bitar

A academia, como um lugar de encontro das letras, da ciência e das artes não nasceu de uma vez só. Ela é resultado de um longo caminho histórico, que remonta ao ano 387 aC, com o filósofo Platão nos jardins gregos de Academus, e que continuou seu progresso até chegar à nossa era atual, onde as academias estão espalhadas em muitas partes do mundo. A Academia Líbano-Brasileira, como outras academias, não é um lugar de luxo ou entretenimento. Ao contrário, é um lugar onde a mente humana está preparada para enfrentar a mente utilitária que está ameaçando a nossa existência, transformando-a numa existência sem valor.

A maior comunidade do mundo de imigrantes libaneses e seus descendentes está no Brasil, e através de suas instituições e clubes conseguiu estabelecer uma memória coletiva, além de se inserir na sociedade brasileira e contribuir para o seu desenvolvimento e progresso.

Porém, com o passar do tempo, a modernidade e o surgimento de outras gerações, essas mesmas instituições acabaram-se transformando de um “local de encontro dos libaneses” para um espaço de sociabilização da sociedade, afrouxando, assim, os laços com o Líbano e modificando o seu papel.

Na verdade, a ideia da Academia começou a se germinar desde a minha chegada ao Rio de Janeiro, em 2018, quando constituímos o evento “Prêmio dos 130 anos da Imigração Libanesa”.

Daí, era importante fundar uma instituição de excelência, já que libaneses, árabes e seus descendentes são parte relevante e arraigada da cultura em todas as áreas, notadamente na literatura, nas artes e nas ciências. Para isso, faltava uma instituição de excelência que os representasse, além de dar oportunidades a tantos outros que se destacam em suas áreas.

E assim, após a pandemia, no mês de agosto de 2022, tive um encontro com o escritor Carlos Nejar, poeta, ficcionista, tradutor, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras de origem libanesa, e demos início à criação no Brasil da 1ª Academia Líbano-Brasileira de Literatura, Artes e Ciências.

O objetivo da Academia é o de cultivar e preservar a criatividade literária, intelectual, artística e os valores culturais do Líbano e árabes no Brasil, além de salvaguardar, promover e divulgar as obras literárias, artísticas e de ciência dos seus patronos, fundadores e acadêmicos.

A Revista Libanus é o primeiro passo para as futuras atividades da Academia cujo desígnio é a aproximação entre o mundo, artes, ciências, letras do Líbano com o Brasil. É necessário recolher o que nos une no tempo e na história, buscando contra o esquecimento a memória da criação.

Dr. Alejandro Bitar

Cônsul Geral do Líbano no Rio de Janeiro

A HERANÇA DA GRANDEZA DE UM POVO

Dr. José Roberto Tadros

A criação da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências (ALB) merece todo o nosso louvor, e quero, em primeiro lugar, parabenizar o cônsul-geral no Rio de Janeiro, Alejandro Bitar, por tornar possível tão marcante iniciativa.

É mais do que oportuno termos no Brasil uma instituição como essa, um país, segundo apontam pesquisas, com um grande número de descendentes dos povos árabes, principalmente libaneses e sírios. Estima-se que pelo menos 10 milhões de descendentes de libaneses vivam hoje no Brasil, mas, por causa da miscigenação e da dificuldade de encontrar registros de alguns primeiros imigrantes, é provável que esse número seja muito maior. Alguns cálculos chegam ao impressionante total de 28 milhões de árabes e descendentes compondo a diversidade étnica e cultural do nosso país.

Sempre é bom lembrar que os países da Península Ibérica estiveram, por várias centenas de anos, sob a égide dos mouros, que nos deixaram uma herança cultural incomparável, com manifestações das mais variadas formas, inclusive, no idioma, com mais de 1.200 palavras de origem árabe.



Muito antes, os fenícios criaram um alfabeto que deu origem à maior parte dos sistemas de escrita atuais. E, se hoje o Brasil tem um dos mais sofisticados sistemas bancários do mundo, cabe observar que isso não seria possível sem os fenícios, pioneiros também nesse campo, tendo criado as primeiras moedas, as letras de câmbio, entre outros. Foram eles que legaram aos ibéricos a experiência da arte náutica, dominando a navegação e o Mar Mediterrâneo, 1.500 anos antes de Cristo. Uma herança que está na base da conquista do Novo Mundo.

Como disse anteriormente, isso mostra quão inteligente e oportuna foi a decisão do cônsul Alejandro.



A vinda de sírios e libaneses, que outrora faziam um único país, para o Brasil ajudou a moldar o grande país que somos hoje. Lembro que o grande estadista e segundo imperador D. Pedro II falava fluentemente o árabe, visitou o Egito e o Líbano e lá pediu que viessem libaneses para o Brasil, para desenvolver o comércio e a atividade econômica de um modo geral e a navegação, no que foi atendido de imediato.

Sempre gosto de observar que um simples passeio pelas áreas centrais das grandes cidades do Brasil, ou até mesmo em um sem-número de pequenas cidades, revela estabelecimentos comerciais erguidos por esses homens e mulheres que, longe de sua terra natal, se dedicaram ao novo lar como se fosse o seu Líbano.

Os comerciantes libaneses foram grandes desbravadores do interior do Brasil. Os chamados “mascates” ou “caixeiros-viajantes”, que em sua maioria se tornaram comerciantes prósperos nas suas localidades, carregavam, em suas caixas, pentes, espelhos, perfumes, imagens religiosas. Muitas cidades tiveram seu desenvolvimento econômico atrelado ao das famílias que vieram do Líbano para prosperar em terras brasileiras.

Esse legado frutificou, e os pioneiros e seus descendentes contribuíram e seguem contribuindo, de forma decisiva, para ajudar a moldar um país de características ímpares. E em todos os campos: nas letras, na ciência, na música, na política, na gastronomia, em praticamente todos os setores.

Os descendentes desses povos se sentem honrados de os seus antepassados terem cumprido com dignidade a missão e o deferimento que o imperador Pedro II lhes outorgou. Sendo neto de uma libanesa, nascida em Beirute, mais do que gratidão, sinto orgulho das relevantes contribuições dos imigrantes libaneses para o desenvolvimento de todo o mundo, com a incansável vocação para o trabalho que tornou o Líbano amado por tantos povos. E me sinto honrado de presidir a primeira academia libanesa voltada às Letras, Artes e Ciências no mundo, aí incluído o próprio Líbano.

Vamos em frente, que o Brasil é libanês, e o Líbano é brasileiro.



Dr. José Roberto Tadros

***Presidente da Academia Líbano-Brasileira de
Letras, Artes e Ciências***



CHEGAR, VER, LABORAR E VENCER: HISTÓRIA LIBANESA COM CERTEZA

Profa. Katia Hakim Chalita

Há muito tempo me intrigam os contrastes e contradições do Líbano.

Um pequeno país, ao mesmo tempo gigantesco e imponente.

Com uma surpreendente e insuperável fortaleza, embora agredido por incidentes e acidentes.

Pleno de sólidas tradições, mas igualmente arrojado e contemporâneo.

Apesar das mazelas e percalços, palco de manifestações artísticas e expressões culturais de imenso valor.

Hoje, país que luta para seguir em frente, alimentar seu povo, cuidar de suas crianças, curar seus doentes, num contexto de carências e ocorrências que o ferem dia a dia.

Busco entender as contradições libanesas sempre que vou ao País dos Cedros de Deus e a cada momento em que recebo notícias da pátria de meus ancestrais.

Não é simples encontrar as respostas, que podem residir na composição única e particular desse admirável país, em sua história rica, secular e incomparável.

Vejam meu caso: sou de origem inteiramente libanesa. Pais, avós, bisavós, trisavós, tetravós, tios, tias, madrinha, padrinho... antepassados e ancestrais, todos libaneses e libanesas!

Nascida no Brasil, mas de berço genético, simbólico e metafórico libanês, convivi diariamente, desde que abri os olhos para este mundo, com os falares, valores, ações e reações de minha família, genuinamente libanesa.

É com meu avô, Chalita Saade, que tem início a história de minha família no Brasil, quando ele aqui desembarca, nos anos 1880, vindo de Beit Menzer, vilarejo no Norte do Líbano. Como tantos compatriotas o fizeram, fugindo do domínio otomano, da falta de condições de trabalho e vida digna, da desesperança em dar aos seus uma vida melhor, deixando para trás a família, amigos, raízes e toda a sua história.
(cont)

Os primeiros que aqui chegaram, tal como meu avô, logo se puseram a criar as bases do trabalho e da adaptação ao novo país, mostrando e provando ao mundo que libaneses são feitos de matéria especial, que não se intimidam quando é preciso chegar, ver e vencer.

E após meses, por vezes anos, de labuta incessante, não tardavam a trazer do Líbano os filhos que lá deixaram, e que, uma vez em terra brasileira, já entravam na marcha corrente do trabalho cavado, iniciado e, quase sempre, já sedimentado pelos pais.

Assim foi com meu avô Chalita Saade, desde que chega à América – então designação genérica dessa parte do mundo onde repousava a esperança de vida melhor para os libaneses - e se instala, cheio de esperança e vontade de vencer, na cidade de Conceição de Macabu, no norte do Estado do Rio de Janeiro.



Traz consigo o primogênito, Youssef, para ajudá-lo nos negócios e no comércio de produtos e tecidos, iniciando a saga que daria origem a uma bela e numerosa descendência libanesa no Brasil.

Reforçando a vocação fenícia que lhe corria nas veias, meu avô comprava produtos variados na capital e seguia pelo interior do Estado, parando de cidade em cidade, abrindo suas malas, conquistando os fregueses, revendendo seus artigos, fazendo novos amigos, e construindo o pé-de-meia que lhe daria autonomia e vida digna no novo continente.

Com o progresso dos negócios no Brasil, Chalita Saade traz do Líbano mais dois filhos, Hanna (aqui passando a se chamar de João) e o caçula Sayd, meu pai, cuja vontade verdadeira era estudar medicina e se tornar doutor com louvor.

Mas a herança fenícia, a autoridade paterna e a necessidade de reafirmar a tradição laboriosa da família o recolocaram no caminho do comércio aberto pelo pai. E não decepcionou.

Juntamente com o irmão, Sayd trabalhou com seriedade e afinco, ajudando meu avô a consolidar e a fazer crescer o negócio que iniciara ainda no século 19.

Foram tão bem-sucedidos que, com o crescimento e a prosperidade dos negócios no interior do Estado, João e Sayd Chalita Saade se mudaram para a cidade maravilhosa, abrindo uma loja de tecidos na Praça da República, centro do Rio. Transformaram-se, quem diria, nos maiores atacadistas de tecido na cidade, vendendo também grandes fardos de mercadoria para outras regiões do Brasil.

Os filhos de Chalita Saade tornaram-se referência para os imigrantes que vinham do norte do Líbano para o Rio de Janeiro, aos quais estendiam a mão, acolhiam sem interesse, e emprestavam moradias para que conseguissem deslanchar sua nova vida no Brasil.

Hoje, tenho imenso orgulho em proclamar que meu avô Chalita Saade e meu pai Sayd, juntamente com meus tios, foram corajosos desbravadores desse país, então desconhecido, e ajudaram a construir, com força e coragem, trabalho e amor, a terra brasileira que os acolheu.

Valorosos homens e mulheres que trazem em si a marca de serem libaneses. Provêm de um grandioso país, pequeno em extensão e imenso em conhecimento e história, gigantesco em educação e cultura, impressionante na capacidade de se reerguer e se reinventar. Berço do alfabeto e da mais antiga cidade do mundo, arena da união de gregos e romanos, palco de milagres do Cristo e da passagem de povos e culturas.

Este é o Líbano. Assim são os libaneses.

Profa. Katia Hakim Chalita

é educadora, escritora, tradutora, conferencista, profissional de mídia e comunicação, Presidente da Aliança Francesa do Rio de Janeiro, acadêmica e Vice-presidente da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências



“MÚSICA BRASIL ÁRABE”: UM PROJETO DE EXALTAÇÃO AOS LAÇOS CULTURAIS QUE UNEM POVOS IRMÃOS

Tárik de Souza Farhat e Roberto Faissal

Conheci Roberto Faissal Jr. o participar do documentário “Noel Rosa, Poeta da Vila e do Povo”, que ele produziu, em 2010, para comemorar o centenário do genial compositor carioca. Como fã incondicional do criador de “Feitiço da Vila”, “Feitio de Oração”, “Três apitos”, “Ultimo desejo”, “Conversa de botequim”, fui um dos depoentes do projeto, que iniciou como um seriado de cinco programas, encomendado pela TV Brasil ao jornalista Dácio Malta, que foi meu chefe no Jornal do Brasil. O documentário foi exibido e premiado em festivais no Brasil França, Estados Unidos e Japão. E nós estreitamos nossa amizade já em torno de outro projeto, “Música Brasilárabe”, que, aconselhado por Malta, eu tinha registrado na Biblioteca Nacional, e queria transformar em filme, para valorizar nossa cultura de descendentes e imigrantes. Muito pouca gente sabe o quanto ela está espalhada – aclimatada e sedimentada – no país que a acolheu – e quão abrangente e vasta é essa influência.

A começar ... pelo próprio Noel de Medeiros Rosa(1910-1937). Ele foi parceiro do descendente de libaneses Antonio Nássara(1910-1996), emérito desenhista e compositor, o co-autor da célebre marchinha carnavalesca “Alala-ô”(“atravessando o deserto do Sahara/ o sol estava quente e queimou a minhacara”).

Com Noel, escreveu as músicas “Que baixo!”, gravada em 1936, pela irreverente Aracy de Almeida e “Retiro da saudade”, pelas maiores estrelas do rádio na época, Carmen Miranda e Francisco Alves, em 1934.



Minha parceria com Faissal também iniciou-se a partir de um resgate pessoal e emotivo. Fui educado para a música pela Nacional, a mais importante emissora de rádio que existiu no país, da qual Roberto Faissal pai foi um dos diretores, ao lado dos irmãos Lourival e Floriano Faissal, todos produtores e também compositores, autores de sucessos populares. Nossa ideia no “Música Brasilárabe” (título provisório) é mapear essa presença desde o passado, num possível seriado de quatro episódios de TV de 25 minutos cada, mais uma versão para cinema e VOD – vídeo on demand.

As filmagens foram iniciadas em 2011, através de entrevistas como nomes estelares como os cantores e compositores Tito (Chauki) Madi, Sérgio Ricardo (João Lufti), que nos deixaram poucos anos depois, João Bosco, Raimundo Fagner e Roberto Frejat. A pandemia interrompeu o curso das entrevistas.

O roteiro pretende mapear essa influencia desde os primórdios, a partir de sua origem mouro portuguesa, quando da vinda de escravos negros e sua ligação com o Islã, material que deve ser levantado através de pesquisa e entrevistas com especialistas. Em contatos com descendentes e material de arquivo, além de reprodução de gravações de época, faremos uma prospecção minuciosa dos pioneiros e desbravadores. Nomes como os de Jorge Faraj (1901-1963), carioca, co-autor de clássicos como “A deusa da minha rua” (com Newton Teixeira), “O telefone do amor” (Benedito Lacerda); David Nasser, paulista radicado no Rio, jornalista e compositor de “Normalista” (com Benedito Lacerda), “Canta Brasil” (Alcir Pires Vermelho), “Baião da Penha” (Guio de Moraes), “Atiraste uma pedra” (Herivelto Martins), “Mãe Maria” (Custódio Mesquita) e o supra citado Nássara, de “Formosa” (com J. Rui), “Mundo de zinco” (Wilson Batista), “Meu consolo é você” (Roberto Martins), “Florisbela” (Eratóstenes Frazão).

Além deles, os cantores Déo, carioca, chamado de “o ditador dos sucessos”, cujo nome era Ferjalla Rizkalla (1914-1971), que reinou nas décadas de 30 a 50, com êxitos como “Terra seca”, “Nervos de aço” e “Até parece que sou da Bahia”; e o mineiro, de Caxambu, Ivon Curi (1928-1995), de vasta cartela de sucessos nacionais (“João Bobo”, “O retrato de Maria”, “Pisa na fulô”, “Farinhada”, “Obrigado”) e uma linha chanssonier, que desaguou em versões de Jacques Brel e Serge Gainsbourg. E mais Edu da Gaita, o gaúcho Eduardo Nadruz (1916-1982), que começou aos 9 anos tocando Chopin, e foi um dos maiores virtuosos do pequeno instrumento que lhe valeu o sobrenome artístico. Um terceiro momento deste episódio será dedicado à família Faissal supra citada, que além de reinar na rádio Nacional, no período em que este meio de comunicação era o principal fator de integração nacional, também formou um respeitável patrimônio autoral, de sucessos em várias latitudes estéticas. A saber:

Florian Faissal – “Dez anos” (versão, gravação de Emilinha Borba, 1951), “Estava escrito” (Angela Maria, 1954, faixa título do disco de Ney Matogrosso, 1994), “A canção de Jerônimo” (com Getúlio Macedo), “A rosa” (Moacyr Franco, tema da novela “Uma rosa com amor”, TV Globo, 1971).

Lourival Faissal – “Mentira de amor” (com Gustavo Carvalho), gravada por Dalva de Oliveira, 1950, Maria Bethânia, 1980, Alaíde Costa, 1987. “Mentindo (com Eduardo Patané), Angela maria, 1957, “Mambo carioca” (com Getúlio Macedo), Chiquinho do Acordeon, 1954, Blecaute, 1957.

Roberto Faissal – “Nem Deus nem ninguém”. Gravado por Dalva de Oliveira, 1962, Altamar Dutra, 1980, “Domingo em Copacabana” (com Paulo Tito), Sonia Delfino, 1960, Elza Soares e Elis Regina, 1963. “Cabeleira do Zezé” (com João Roberto Kelly), Jorge Goulart, carnaval de 1964, “E na onda balanço (com Paulo Tito), Golden Boys.



Num segundo bloco será abordada a “Modernidade e transição” protagonizada por criadores reformistas como os supra citados Tito Madi, Sérgio Ricardo, o pianista da bossa paulistana Pedrinho Mattar (1936-2007) e o compositor maranhense Nonato Buzar (1932-2014), um dos artífices do gênero pilantragem. Conhecido como Magro, o fluminense de Itaocara, Antonio José Waghabi Filho, (1943-2012), principal arranjador e articulador do conjunto vocal MPB4, também seria reverenciado entre os falecidos mais recentemente, como Tunai (José Antonio de Freitas Mucci, 1950-2020), o talentoso irmão de João Bosco.

Este estaria numa seção dedicada a MPB & outras bossas, ao lado do cearense Raimundo Fagner. Seu parceiro de discos e shows, Zeca Baleiro, apesar do nome José Ribamar (Coelho Santos), comum à terra onde nasceu, o Maranhão, um vitorioso da segregada MPB pós festivais, também é de ascendência árabe, como o trio de irmãos cantores e compositores de Pelotas, RGS, Kleiton, Kledir e Vitor Ramil.



Na seara da viola, Almir (Eduardo Melke) Sater, natural de Campo Grande, MS, é um renovador que difundiu seu estilo de cantador a partir do êxito (também como ator) da novela “Pantanal”, na extinta TV Manchete, em 1990. Sua reedição recente, na TV Globo, contou com seu filho, Gabriel Sater, também violeiro, no papel que foi do pai.

A área do pop/rock igualmente está povoada por descendentes, como o mineiro de BH, Ricardo Feghali, violonista, guitarrista, tecladista e um dos vocalistas do grupo Roupa Nova, desde 1980. Também mineira, mas de Governador Valadares, Wanderléa (Charlup Boere Salim), a Ternurinha da Jovem Guarda, atuou no front feminino da renovação de costumes trazida pelo movimento.

Por sua vez, Evandro Nahid Mesquita liderou a Blitz, o grupo que projetou a geração do BRock dos anos 80. Titular da banda Barão Vermelho e um de seus principais compositores, ao lado do parceiro Cazuzza, Roberto Frejat, também integrou a mesma geração de desbravadores, de guitarras em punho. Ainda entrariam neste segmento pop, o carioca Luiz (Gonzaga Kedi) Ayrão, sucesso nas baladas com Roberto Carlos (“Nossa canção”) e nos sambas (“Porta aberta, “Águia na cabeça”), o sertanejo paulista Sorocaba (Fernando Fakri de Assis) da dupla com Fernando, e o grupo pop carioca bem sucedido, da família Melim (or irmãos Rodrigo, Gabriela e Diogo).

Entre vanguardistas e revolucionários da MPB nossos patrícios também pontificam. Multinstrumentistas como o fluminense do Carmo, Egberto Gismonti (Amin) (pianista, violonista, compositor, arranjador), cujos filhos Bianca Gismonti (piano) e Alexandre (violão) seguiram sua trilha de alta densidade musical. Também o erudito carioca Tim Rescala (compositor, pianista, arranjador, autor teatral) e o ator, compositor, arranjador e violonista paulistano André Abujamra.

Descendentes intrépidos do tropicalismo, os baianos de Jequié, Jorge (1946-2020) e Waly Salomão (1943-2003) foram destacados poetas, produtores e agitadores culturais. Os paulistas de Mococa, da família Assad – os irmãos violonistas Sergio e Odair – projetaram-se nos cânones da música erudita, mas também aventuraram-se por Piazzola e Tom Jobim. A irmã deles, Badi (Mariângela) Assad, além do violão, enveredou por uma carreira multifária, na percussão, canto, composição e um repertório variado de influências e estilos.

Revelado no Prêmio Visa, em 1998, o pianista, arranjador e compositor niteroiense André Mehmar teve obras interpretadas tanto pela OSEP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo) quanto pela Orquestra Experimental de Repertório, o Quinteto Villa Lobos e a Banda Mantiqueira, ligada à MPB mais refinada.



“Chamei para fazer o arranjo da faixa ‘Meu coco’, Thiago Amud, um jovem carioca que personifica a força de criação e de prestígio daquilo que vem a ser apelidado de MPB”.

O reconhecimento público, via programa “Roda viva”, da TV Cultura, de Caetano Veloso, que o escolheu para arranjar a faixa título de seu mais recente disco, atesta a pujança do novato cantor, compositor, arranjador e violonista, que estreou com o sacrílego “Sacradança”, em 2010.

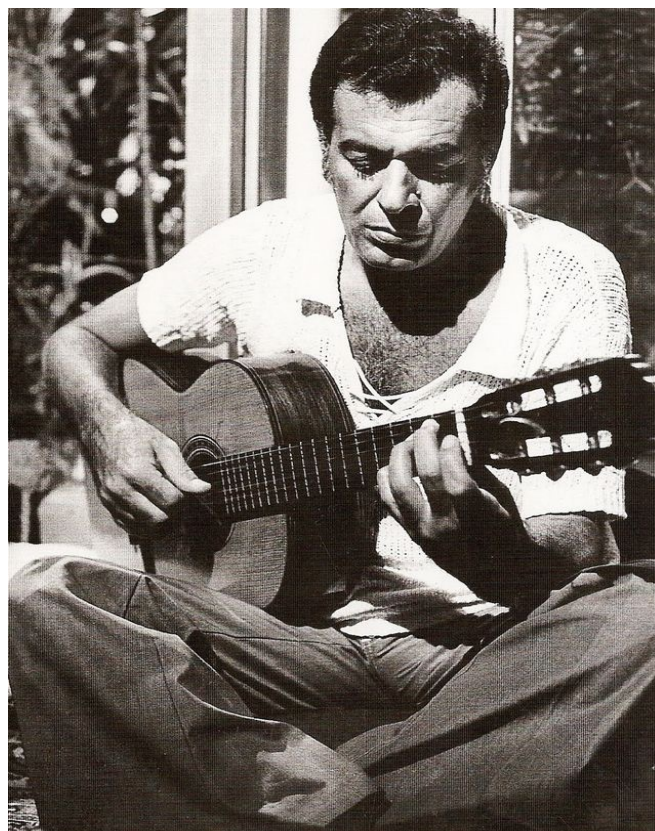
Também há muitas vozes femininas nesta polifonia de astros descendentes de emigrantes, como as das audazes e inovadoras Mariana Aydar (com cinco discos já lançados em um Grammy Latino), paulistana, filha do músico Mario Manga, integrante do grupo Premeditando o Breque, da vanguarda paulista, e a santista Rhaissa Bittar (três álbuns elogiados e singles). Ex-Integrante do grupo Afrodite se Quiser, a carioca Karla Sabah, gravou quatro álbuns, como a mineira de Patos, Glauca Nasser.

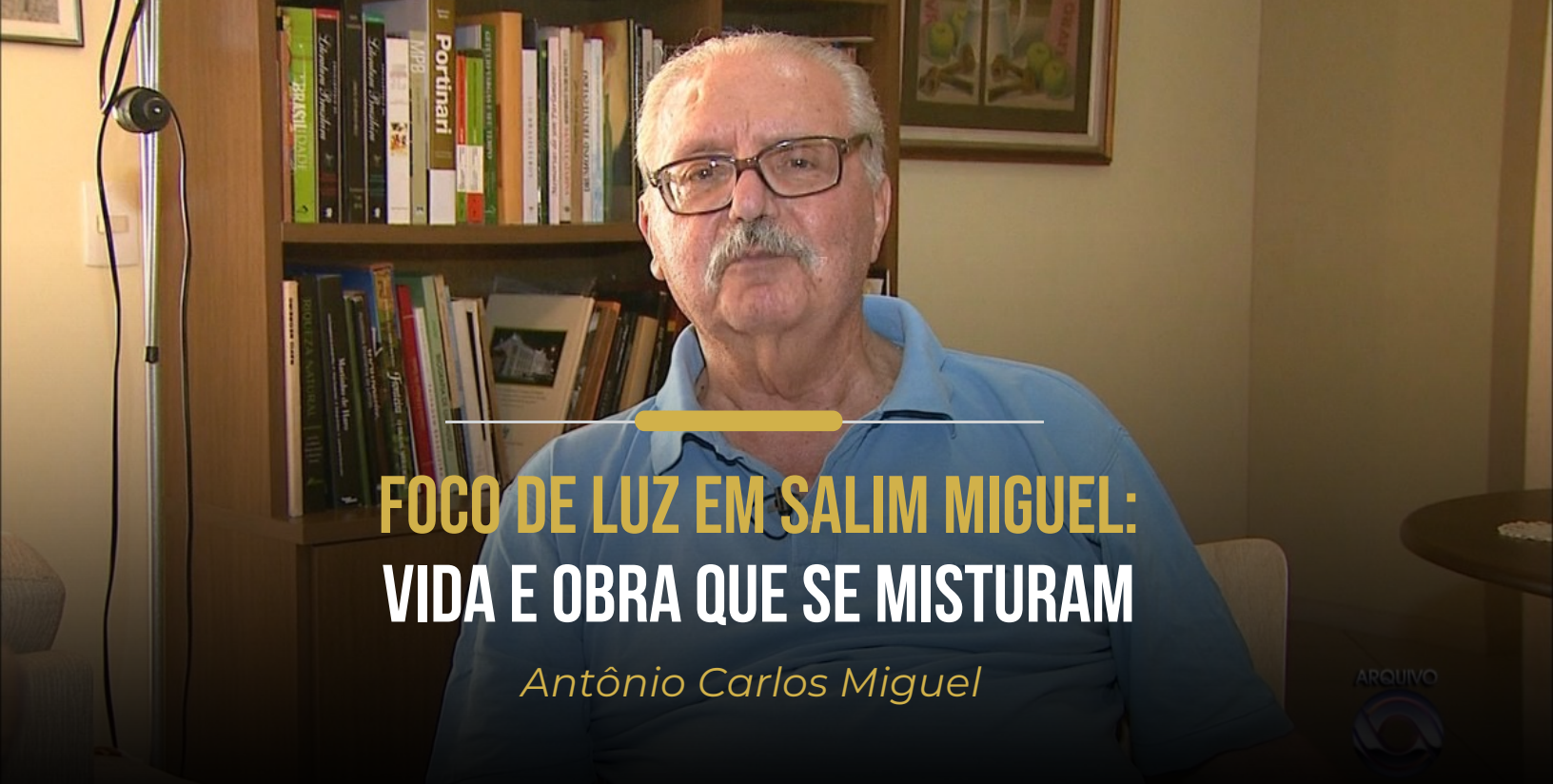


Já, Bruna Caram (três títulos), é filha de uma cantora de rádio e neta do guitarrista Jamil Caram, enquanto a potiguar de Natal, Marina Elali (de Souza Dantas), é neta de Zé Dantas, lendário parceiro de Luiz Gonzaga na saga vitoriosa do baião. Já ganhou dois discos de ouro e gravou 16 temas de novelas, minisséries e filmes. Em 2012, fez o papel de uma descendente de árabes na minissérie “O brado retumbante”, da TV Globo.

Agora, com a grandiosa iniciativa do Consulado do Líbano do Rio de Janeiro de criar a Academia Líbano Brasileira de Letras, Artes e Ciências, Farhat e Faissal acreditam que esse projeto pode vir a realizar-se, já que está em sincronia com essa iniciativa de exaltar nossas ancestralidades. A revista LIBANUS, editada por Cristina Ayub Riche, com seu espírito de construção participativa, nos pareceu ideal para comunicarmos esse projeto e contagiar nossos parceiros acadêmicos com o entusiasmo para levar adiante esse sonho de difundir ainda mais nossos pujantes laços culturais de povos irmãos.

Tárik de Souza Farhat é jornalista e **Roberto Faissal** é cineasta, membros da **Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências.**





FOCO DE LUZ EM SALIM MIGUEL: VIDA E OBRA QUE SE MISTURAM

Antônio Carlos Miguel

ARQUIVO



Peço licença para, nessa estreia de "Libanus", jogar um pouco de luz sobre a obra e a vida de meu pai, Salim Miguel. Entre os motivos, o fato de entrarmos na contagem regressiva para o seu centenário - ele nasceu em 30 de janeiro de 1924, no vilarejo de Kfarsaroun, no norte do Líbano.

Salim desembarcou no porto do Rio de Janeiro aos 3 anos, junto dos pais, Tamina e Youssef, de duas irmãs menores, Fadua e Hend, e um tio materno, Taufic. Chegada que inspirou seu título mais lido e premiado, "Nur na escuridão" (Topbooks, 1999 / Record, 2008), no qual, aproveitando um livro de memórias de seu pai que mandou traduzir do árabe para o português, destrincha ficcionalmente o processo de adaptação de uma família estrangeira ao Brasil.

Era noite na Praça Mauá, no verão de 1927, quando a família passou pelo departamento de imigração. Ao receber o endereço de parentes anotado num pedaço de papel, o chofer do táxi acendeu um fósforo: "Preciso de Luz!"

E assim os recém chegados aprenderam a primeira palavra em português, além das protocolares "bom dia, boa noite, obrigado, etc...". A partir daí, os leitores de "Nur..." acompanham como o novo idioma e os novos costumes, aos poucos, vão se misturando à cultura árabe-libanesa.

Tamina e Youssef não se adaptaram ao calor do Estado do Rio, mesmo que tenham trocado Magé, a primeira parada, abrigados por alguns parentes, por Teresópolis. Após procurar opções no mapa, escolheram Santa Catarina, indo viver em outra região serrana, nos arredores de Florianópolis. Até os 7 anos, Salim lia e falava árabe em casa, enquanto era alfabetizado em alemão, já que não havia opção de escola "brasileira" no lugarejo.

Só quando a família se mudou para Biguaçu, município colado a Florianópolis, que aprendeu a ler e escrever em português.



Ainda em Biguaçu, no início da adolescência, descobriu a literatura, trocando a ajuda no pequeno comércio do pai pelo trabalho de atendente da única livraria da cidade, cujo dono era um poeta cego.

Pelo combinado, também tinha a tarefa de ler para o patrão. Deliciosa tarefa, que o garoto alternava com atividades igualmente prazerosas como jogar (muito bem) futebol e nadar no Rio Biguaçu (onde quase se afogou).

Nos anos 1940, quando a família se muda para a capital e o negócio de Seu Miguel (como passou a ser conhecido Youssef/José) cresce, Salim já tinha dito ao pai que iria se tornar um escritor. "Vai ser difícil, mas, respeito", foi a resposta.

Após brigar com um professor e abandonar o Colegial (o que hoje equivale ao Ensino Médio), fez o exame de Madureza. Não pensou em faculdade, preferindo trabalhar no censo do IBGE, e a partir dessa experiência escrever seu primeiro livro, "Velhice e outros contos" (1951).

A essa altura, junto a outros jovens catarinenses, incluindo sua companheira de toda a vida, a também escritora (advogada, professora de História) Eglê Malheiros, Salim já era um dos líderes do Grupo Sul, que sacudiu a então rala vida cultural de Florianópolis.

Entre suas atividades, exposições de arte moderna, montagens de peças contemporâneas e a Revista "Sul", que circulou entre 1948 e 1957. Antes de os termos existirem, o grupo funcionou como um "coletivo" de intelectuais, atuando em "rede", com colaboradores e correspondentes espalhados por diversas cidades do Brasil e até do mundo (entre outras, Lisboa, Montevideo, Buenos Aires, Luanda e Nova York).

Dividido entre o jornalismo (para pagar as contas) e a literatura, Salim conhece em congressos e mantém correspondência com escritores consagrados como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Marques Rebelo e também muitos novos como ele.

Continuou um ávido leitor e chegou a ser sócio de uma livraria. Por pouco tempo, já que mais comprava do que vendia - quase sempre que um cliente encomendava algum título que não conhecia, curioso, pedia mais um. No fim dos anos 1950, encantou-se com a nova literatura latino-americana, bem antes de a obra de Borges, Cortazar, Rulfo, Garcia Marques, Cabrera Infante, Vargas Llosa ganhar o mundo.

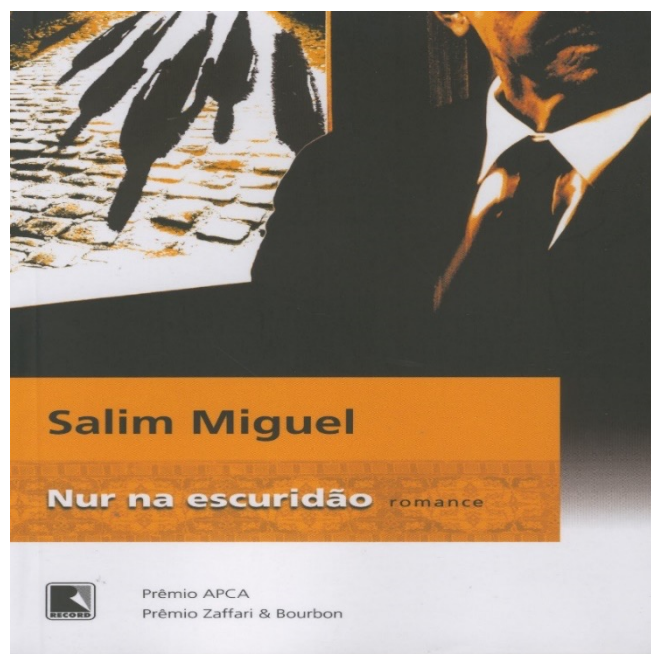
Em 1964, o golpe civil-militar que derrubou o presidente João Goulart abalou a vida familiar. Acusados de subversão, Salim e Eglê foram presos.

Os então quatro filhos (o quinto nasceu já no Rio, em 1967) ficaram literalmente sem pai nem mãe por algumas semanas. A opção foi migrar para o Rio de Janeiro, onde Salim se dividiu entre dois empregos como jornalista e Eglê, proibida de dar aula, ajudou no orçamento como tradutora de alemão, francês e inglês. Contratados por Antônio Houaiss (outro descendente de libaneses e patrono da Academia Líbano-Brasileira) os dois ainda colaboraram nos verbetes sobre literatura de enciclopédias coordenadas pelo filólogo, escritor, diplomata e ministro da Cultura no governo Itamar.

Até 1979, quando voltam para Florianópolis com dois dos cinco filhos, a literatura continuou sendo o foco principal, e prosseguiu até o fim da vida, em 2016. Na temporada carioca, lançou novos livros e mais uma revista literária, "Ficção" (que editou com Eglê, o casal Laura e Cícero Sandroni e o escritor e crítico Fausto Cunha), e também trabalhou como roteirista de cinema.

De alguma forma, sem opção, foi um pai ausente. Saía de casa por volta das 8h para o trabalho na Editora Bloch (das revistas "Manchete", "Fatos & Fotos" e "Tendência", algumas das quais atuou) e depois, no fim da tarde, prosseguia até as 23h como redator na Agência Nacional. Desse período no Rio, as lembranças mais fortes que ficam de Salim são, nos fins de semana, escondido atrás de um livro novo ou batucando em sua máquina de escrever. A criação dos filhos e a organização da casa ficavam com Eglê.

Ausente mas, até hoje, quase sete anos após sua morte, muito presente através da obra e nas lembranças dos muitos amigos que deixou. Entre as duas dezenas de livros, além de "Nur...", destacam-se "A morte do tenente e outras mortes" (1978), "A voz submersa" (1984), "Primeiro de Abril: Narrativas da cadeira" (1994), "As confissões prematuras" (1998), "Jornada com Rupert" (2008) e "Reinvenção da infância" (2011). Eles mantêm Salim Miguel entre nós.



Neles, quase sempre, vida e ficção se misturam. O menino que despertou para a literatura como leitor de um poeta cego, foi perdendo a visão na última década e meia. Felizmente, teve quem (entre estudantes contratados e um neto) lesse e também digitasse seus últimos textos.

De alguma forma, o Líbano e a cultura árabe em geral dão as caras em sua obra. As narrativas de "As mil e uma noites", que sempre leu e releu, estavam entre as referências fortes, em meio a William Faulkner, Honoré Balzac, Graciliano Ramos, Juan Rulfo, Thomas Mann, Lima Barreto, José Saramago, James Joyce, Fernando Pessoa, Cruz e Souza, estes, alguns dos muitos preferidos do homem-livro que foi Salim Miguel.

Antônio Carlos Miguel

(segundo dos cinco filhos de Eglê e Salim, é também jornalista, membro da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências)

COMO NASCEU EM ZAHLÉ A AVENIDA BRASIL

Dr. Alcy Cheuiche

O homem alto e pesado apoia o pé esquerdo no estribo de prata e monta com agilidade. Acomoda-se na sela, enquanto o palafrenero coloca seu pé direito no outro estribo. Estarão do comprimento ideal? Muito curtos, só para o *manège*, o trote inglês e outros exercícios hípicas de breve duração.

Muito longos, virão as dores no costureiro, este nervo maldito que já me deixou com as pernas fora de combate. Pensa nisso, enquanto seus olhos, por sobre as orelhas do cavalo, buscam os primeiros clarões da madrugada. Cavalo, não. Uma égua branca escolhida pelas qualidades que Alá conferiu à raça Árabe, como reza a lenda, ao soprar o vento Simum na areia e oferecer esse magnífico animal ao ser humano: *A virilidade do homem, com a beleza e elegância da mulher.*

- *C'est bien comme ça, Majesté ?*

- *C'est parfait, merci.*

Sim, está tudo bem, tudo como planejei lá no Rio de Janeiro, durante os últimos cinco anos, debruçado num mapa maior do que a minha mesa. Mas vou pedir que ele fale comigo em árabe e não em francês. Depois daquela viagem ao Egito, em 1871, tenho trabalhado muito essa língua e até me atrevi, em segredo, a traduzir alguns contos das *Mil e uma noites*. Aliás, é dentro de um deles que pareço estar, neste momento.

Dezenas de homens com turbantes e longas vestes movem-se como vaga-lumes, portando lâmpadas de azeite, algumas certamente do mesmo feitio do tempo de Aladim. É impressionante.



Mil anos depois do reinado do Califa Haroun Al Rashid, parece que muito pouco mudou por aqui. É claro que Beirute, *A cidade das fontes*, no idioma fenício, teve altos e baixos, atingindo seu cume cultural quando ocupada pelos romanos, pouco antes do nascimento de Cristo e até a queda de Roma, cinco séculos depois. Aqui foi instalada a primeira Escola de Direito do Império Romano, no tempo em que a cidade ganhou o nome de *Julia Augusta Felix Berythus*. Apagada do mapa pelo maremoto do ano 552, só conseguiu sobreviver pela qualidade do seu porto de águas profundas, o único seguro quando o Mediterrâneo esbraveja entre Istambul e Alexandria.

Por isso, preferi fazer por terra a partir daqui o trajeto até Jerusalém, como o fazem milhares de peregrinos. Sim, sou apenas um peregrino em busca da Terra Santa, nesta viagem em que dispensei todos os protocolos diplomáticos, as hospedagens em palácios, pagando os hotéis e tudo o mais do meu próprio bolso.



Mesmo assim, sem nada gastar do tesouro do Brasil, imagino as caricaturas humorísticas dos jornais do Rio de Janeiro, como as que fizeram sobre a minha viagem ao Egito. Até usando meu rosto numa nova concepção da Esfinge de Gisé, o que, em verdade, só me divertiu, não me ofendeu em absoluto.

- *Tout est prêt, Majesté, nous attendons l'ordre de partir.*

Sim, vamos partir. Eu poderia dizer simplesmente: *En avant !* Mas essa ordem, eu vou dá-la em árabe, mesmo arriscando arranhar a frase com minha pronúncia bastarda:

- *Alee alaman!*

Exatamente às quatro horas da madrugada a caravana inicia a primeira etapa da longa viagem de quinhentos quilômetros até o porto de Jafa, na Palestina, passando por Damasco e Jerusalém.

De Beirute a Baalbek, no Vale de Bekaa, seguem por uma estrada bem conservada, subindo sempre em direção ao nascer do sol. À frente da comitiva, um cavaleiro empunha a bandeira verde-amarela do Império do Brasil. Logo a seguir desfila o piquete de soldados do Império Otomano, encarregado da segurança. Um privilégio que Dom Pedro aceitou, após duas entrevistas com o novo Sultão, Abdul Hamid II, em Istambul. Graças ao Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, firmado entre os dois impérios, em 1858, Brasil e Turquia mantém excelentes relações econômicas e culturais.

Neste momento, enquanto seus olhos ainda não conseguem desvendar a paisagem, Dom Pedro II, que cavalga logo após os soldados, preocupa-se mais em adaptar-se com a marcha em passos curtos de sua montaria, no pescoço da qual bate de leve com a mão direita espalmada, enquanto lhe diz, em voz baixa, algumas palavras em árabe.

Aprendeu a falar com os cavalos desde criança, na Quinta da Boa Vista, com seu professor de equitação, o Major Lima e Silva, hoje o Duque de Caxias, herói da pacificação das rebeliões provinciais. Graças a ele e ao Visconde de Tamandaré, seus esteios no Exército e na Marinha, sente-se tranquilo em relação à segurança do Brasil durante a sua ausência. Com os dois patriotas ao alcance da voz, a Princesa Isabel está exercendo sem problemas sua tarefa de Regente do Império.

Pouco a pouco, a aurora começa a colorir os cimos do Monte Líbano. Impressionante como estão coroados de neve, o que justifica esta capa que a Tereza Cristina insistiu tanto para que eu vestisse. Como estará ela naquela carruagem? E vira-se para trás, fixando os olhos no veículo puxado por seis cavalos, o primeiro de uma série de outros mais, incluindo carroças tracionadas por mulas, que compõem sua enorme comitiva. Certamente tranquila, a minha Imperatriz, rezando ou fingindo que dorme, para que o façam sem pejo suas damas de companhia. Nunca deixa de acompanhar-me em todas as minhas viagens. Ao contrário de outras pessoas que eu gostaria que estivessem aqui e deram volta de Istambul, deixando-me na saudade.

E Dom Pedro II começa a esboçar na mente, sempre em ebulição, mais uma carta para a Condessa de Barral, ou anotações para seu diário, o que decidirá em Baalbek, na parada da noite:

14 de novembro de 1876

Partida de Beirute às 4 da madrugada para Baalbek e Damasco. Bela estrada de onde se vê do alto das montanhas a ponta onde está a cidade, estendendo-se de um lado a costa para o Norte em direção de Trípoli e do outro para o sul na direção de Sidon e Haifa.

Chega disso. Preciso viver os acontecimentos, sem cansar-me em transformá-los de imediato em narrativas. Agora, o que me preocupa é imaginar como está conservado o Templo de Júpiter, em Baalbek, originalmente construído para o homenagear Baal, o deus fenício e cartaginês, que motivou o nome de Aníbal, *o filho de Baal*.

Sob uma chuva leve, que apenas faz o Imperador acomodar melhor na cabeça o chapéu de abas largas, a comitiva continua a subir a estrada, muito bem calçada, sem atoleiros, atravessando os vilarejos de Kahale, Aley, Bhamdoun, chegando finalmente a Mezher, o ponto mais alto, a mil e quinhentos metros acima do nível do mar. Ali a chuva para, e as nuvens se afastam, como se fossem as cortinas de um palco, revelando aos olhos ávidos de Dom Pedro o verdejante Vale de Bekaa, cortado por dois rios, o Litani e o Assi. Sim, por sua fertilidade, este vale, ou depressão do terreno, como seu nome significa, produz três colheitas anuais, tendo sido na antiguidade o celeiro do Império Romano.



Às dez horas da manhã, Dom Pedro II apeia-se da égua, que apelidara de *Nevada*, diante da Maison Brun, que lhe fora recomendada para o almoço. Foi atraído pela fama da vinícola *Domaine des Tourelles*, que abastece a adega da estalagem, situada em Chtaura, a novecentos metros acima do nível do Mediterrâneo. Antes de entregar as rédeas ao palafrenero, faz questão de acariciar o pescoço do animal suarento e de lhe colocar na boca um torrão de açúcar.

Duas horas depois, a caravana toma a direção da cidade de Zahle, já no limite do Monte Líbano. Seguindo em sua cavalgada, Dom Pedro dedica alguns minutos de atenção ao engenheiro Bechara, que lhe conta que esta estrada, aberta e empedrada, está quase pronta, apesar de só empregar o trabalho obrigado de cada homem durante quatro dias do ano e em épocas diferentes das ocupações agrícolas, informação preciosa que o Imperador trata de memorizar para colocar em seu diário. Antes da construção da estrada, levava-se três dias a cavalo para percorrer as vinte léguas entre Beirute e Damasco. Agora, o percurso pode ser feito em treze horas, ao ritmo de uma carruagem com seis cavalos.



Conquistada a atenção do monarca, Bechara lhe diz ter conhecido em Beirute o Almirante Joinville, casado com a Princesa Francisca, irmã de Dom Pedro II, quando seu marido era comandante da frota francesa no Mediterrâneo. Logo depois, com a queda do Rei Louis Philippe, pai do Almirante Joinville, ele e sua mulher ficaram muitos anos em exílio na Inglaterra. *La belle Françoise*, como ainda a chamam os amigos franceses, vive agora com seu marido, em Paris, ainda bela nos seus cinquenta e três anos de idade. Pensando em Francisca, o Imperador se emociona, dando-se conta de como está longe da Quinta da Boa Vista, onde foi criado junto da irmã.

A travessia de Zahle, à meia-tarde, por sua rua principal, fica na memória de Dom Pedro II pelo apelido que a cidade recebera, *Escudo Cristão*, após o terrível ataque sofrido em 1860. Povoada quase somente por católicos maronitas e greco-melquitas, Zahle resistira com muitas perdas ao assédio dos drusos, estimulados pelos turcos, mas conseguira manter sua integridade material e, principalmente, sua fé.

Exatamente naqueles dias tumultuosos nascera em Zahle o menino Julien, filho de Elias e Catarina Cheuiche, agora um adolescente órfão de pai e mãe. Tendo um tio vivendo em Montevidéu, ele sonha também em partir para a América do Sul, em especial para o Brasil, país sobre o qual já leu tudo o que lhe foi possível. Assim, ao correr a notícia de que o Imperador Dom Pedro II vai atravessar a cidade em seu caminho para pernoitar em Baalbek, Julien decide postar-se desde cedo junto à fonte, bem no centro da cidade, famosa pela qualidade da sua água, sempre fria, mesmo nos dias mais tórridos. Talvez o Imperador do Brasil interrompa sua marcha para matar a sede?

Horas e horas fica o jovem Julien, de dezesseis anos, à espera da caravana. Ao seu lado, a irmã mais moça, Laama, tem às mãos uma jarra de prata, preciosidade herdada de sua mãe, que a ganhara do filho mais velho, Said Cheuiche, que mercadejava, com seus doze camelos, entre o Líbano, a Síria, a Palestina e o Egito. Quem sabe pudessem oferecer água ao monarca naquela linda jarra cinzelada com arabescos?

Anos mais tarde, vivendo na cidade de Caçapava, no Rio Grande do Sul, aquele libanês de Zahle, registrado no Brasil como Julião Cheuiche, ainda recordava aquele dia 14 de novembro de 1876, como o mais importante de sua vida. E contava à sua mulher Maria Cândida de Vargas e aos seus filhos e filhas como vira o Imperador Dom Pedro II cavalgando à testa de sua enorme caravana, com seus cabelos esvoaçantes (pois tirara o chapéu para o povo) e a barba, entre loura e grisalha, brilhando ao sol. E de como jurara para si mesmo que ainda viveria naquele país longínquo, custasse o que custasse. E para lá partiu, fugindo de casa, no ano seguinte, 1877, trabalhando como grumete em três diferentes navios.

Dom Pedro II estimulou a imigração de milhares de libaneses, muitos deles de Zahle, para os mais diferentes rincões brasileiros. Mas, antes disso, sua passagem pelo *Escudo Cristão* torna-se imediatamente um fato histórico. Nem bem a poeira erguida pela comitiva volta a assentar-se, os moradores passam a chamar a rua principal da cidade de AVENIDA BRASIL.

Dr. Alcy Cheuiche

médico veterinário, escritor, tradutor, pesquisador e conferencista. Membro da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências.





ENTREVISTA: EVANDRO MESQUITA

A DOIS PASSOS PARA ALÉM DO PARAÍSO

** da redação*

Evandro Nahid de Mesquita é um cantor, compositor e ator, conhecido por ser o vocalista da banda de rock Blitz e pelos diversos trabalhos no cinema e na televisão, incluindo o mecânico Paulo “Paulão” Wilson na série A Grande Família entre 2006 e 2014.

Iniciou seu trabalho no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, nos anos 1970. Posteriormente, fez grande sucesso no início da década de 1980, como líder e vocalista da Blitz, uma das bandas de rock mais populares da época. Cantor e compositor, seguiu carreira solo depois do fim da primeira formação, por volta de 1986, trabalhando como músico e ator.

Lançou diversos discos solo, e participou de telenovelas e filmes, em geral fazendo o papel do típico carioca:

surfista, esperto, charmoso, paquerador e malandro. Atualmente, trabalha como produtor, diretor e roteirista de filmes, peças e discos.

É filho da saudosa Professora Samira Nahid Mesquita, que é patrona da cadeira 34 da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências.

P- Resume para nós os anos 80.

- Nos anos 80, ainda vivíamos na sombra de uma ditadura, mas a minha geração se recusava aceitar essa situação. E por meio da arte, do teatro, da poesia, das músicas, a gente tentava falar sobre tudo, para nossa geração. E participar ativamente da vida cultural do nosso país, mesmo que no underground.

P- O que representa o Líbano para você?

Representa as memórias do meu passado, a história da minha mãe, da minha avó, da minha tia Munira, de 95 anos, que relembra, sempre emocionada histórias de amor, de luta, de alegria e celebração. Histórias de uma família de imigrantes, fugindo da guerra, de opressão política, com garra, esperança e muito amor para reconstruir a vida em um país distante. Me lembro muito dos almoços de domingo, das festas, do carinho e do amor que sempre existiu nessa ligação entre nós. É a minha base.

P- Você disse que o máximo que chegou ao Líbano foi nos bailes de carnaval do Clube Monte Líbano. Por que nunca foi ao Líbano? Não teve curiosidade?

Tinha um pouco de medo do Líbano, pelas histórias de fuga da minha família. Não me seduzia, na juventude... sentia que tinha muito para descobrir no meu país. Durante muito tempo, o Líbano ficou nesse lugar distante, cheio de mistérios, que aguçavam de longe, minha curiosidade. Mas também, de alguma forma, sempre estive próximo, celebrando os costumes e as carinhosas lembranças.

P- Como foi a relação com a tua mãe, Samira? E com o teu pai?

Com meu pai, convivi apenas 18 anos. 18 anos de vários exemplos e muito amor. São referências fundamentais na minha vida. Meu pai era espírita, vegetariano, fazia yoga, judô, agronomia, muito ligado à natureza e aos animais. Fazia macrobiótica, antes de virar moda nos anos 70. Era músico, tocava violão clássico. E tinha um humor muito especial.



Minha mãe, como acho que todo filho acha... era melhor e maior mãe do mundo! Linda, amorosa, gentil com todos, guerreira, talentosa.

Acolhia a todos, alunos, professores, funcionários. Foi uma das fundadoras do colégio André Maurois, com as professoras Henriete Amado e Circe Vital. Foi a primeira mulher Decana de Letras da UFRJ, e de tão querida foi homenageada com uma pracinha com seu nome, em frente ao campus da universidade! Alegre e bem-humorada, mesmo durante o agressivo tratamento do câncer que enfrentou.

Nos apresentou Monteiro Lobato, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade... o humor das crônicas de Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Sérgio Porto. A literatura de Cordel, os cantadores, Ascenso Ferreira, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Noel Rosa, Adoniran, Nara Leão, Elis, Amália Rodrigues (ela adorava e cantava muito bem fados), entre outras maravilhas.

Meu pai era mais do lado instrumental, e tinha discos de Dilermando Reis, Jacó do Bandolim, Baden Powell, Bach, Mozart. Meu pai tinha um professor de violão clássico, que começou também a me dar aulas, mas já na quarta aula eu pedi para ele me ensinar uma do Roberto Carlos e Beatles, que era mais fácil.

Eles me deram base para que eu voasse com minhas asas. Pelo menos minha mãe, foi testemunha e fã das minhas peças e dos primeiros sucessos da Blitz. Ela também me ajudou a redigir uma carta para a censora Solange que tinha censurado algumas músicas minhas na Blitz. E conseguimos a liberação de Beth Frígida. Minha mãe era a maior mãe do mundo! Que sorte!

P- Tem filhos? O que eles fazem?

Tenho duas filhas, Manuela de 34 e Alice de 16 anos. A Manuela é artista, formada em jornalismo. Cresceu nos bastidores de diversas produções e sempre admirou essas múltiplas possibilidades. Trabalha no cinema, no teatro, Tv e rádio. Estudou interpretação, balé clássico e circo. Batia texto comigo, e hoje, seguimos fazendo alguns projetos juntos. Participou de gravações e shows com a Blitz. Me ajuda a escrever e organizar roteiros de séries e filmes que eu tenho escrito. Recentemente, dirigiu meu primeiro programa de rádio.

Alice ainda estuda e começa a descobrir o mundo. Canta, toca e compõe muito bem! Tem um bom gosto especial para música e quer estudar fora (aí, meu Deus). Mas eles foram feitos para voar e que voem alto.

P- Qual o seu grupo de rock preferido?

Gosto de música boa!!! E de qualquer gênero. Samba, rock, reggae, xote, jazz, clássica... Música boa não tem fronteira e nem prazo de validade! De Beatles a Novos Baianos, Stones, Mutantes, Bob Marley, Luiz Gonzaga, Led Zeppelin, Ravi Shankar e sua filha Norah Jones, Dylan, Caetano, Roberto e Erasmo, Noel, Gil, etc. Não consigo escolher um estilo ou uma banda ou um cantor.

P- Quais são os seus planos futuros?

Durante a pandemia gravamos cinco álbuns: “Blitz Hits” (com os sucessos da banda e a tecnologia de hoje); “Lado Blitz” (de músicas “lado B”, que não tiveram tanta exposição, mas que a gente adora!); “Blitz Super Novas”, (de inéditas); Blitz “Nodusoutrus”, (Interpretações da Blitz de músicas de outros compositores, como Roberto e Erasmo, Gil, Belchior, Paulo Diniz, Zé Keti entre outros. E seguimos nesses 41 anos de estrada agora com a “Turnê Sem Fim”.

P- O que achou da fundação da academia Líbano-Brasileira?

Achei sensacional a criação da Academia, as trocas e possibilidades a partir dela. E ser acadêmico, é motivo de surpresa e orgulho para mim. Espero que traga uma aproximação real de descobertas, histórias e experiências para o Brasil, para o Líbano, e um mundo de paz, amor e solidariedade.

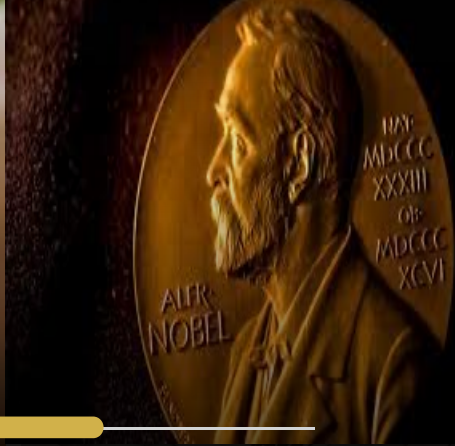
P- O que ainda não fez e gostaria de fazer?

Já tocamos em vários países como Japão, Rússia, Estados Unidos, Portugal, Argentina... Mas ainda não fiz um show com a Blitz no Líbano. Adoraria sentir a reação do público ao nosso som, que também vem dessa soma de temperos e sabores musicais.

P- Numa frase, defina Evandro Mesquita.

Sou um “arteiro”! Gosto de fazer e viver de arte! A felicidade é um compromisso terrestre!





ANCESTRALIDADE, GENÉTICA E EPIGENÉTICA EM MEDAWAR E PATAPOUTIAN

Prof. Dr. Mauricio Younes-Ibrahim e Prof. Dr. Jorge Kalil

Assim como a botânica ensina que a dispersão de sementes amplia a germinação da espécie para sítios distantes da planta mãe, a antropologia mostra a dispersão de genes dos habitantes das cercanias do Cedro do Líbano produzindo múltiplas ramificações civilizatórias em várias partes do mundo. Numa fortuita conjunção entre ancestralidade, genética e epigenética, a dispersão dos libaneses encontrou um especial acolhimento no Brasil, sobretudo a partir do final do século XIX, quando várias correntes imigratórias se fixaram nas diferentes regiões do País. Como consequência demográfica, a formação de gerações de libaneses e seus descendentes constituindo uma ampla comunidade Líbano-brasileira, atualmente estimada entre 7 e 10 milhões de cidadãos.

Recentemente, envaidecidos, os libaneses assistiram um americano de origem armênio-libanesa, Ardem Patapoutian, ser laureado com o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, em 2021, por descrever como o calor, o frio e a força mecânica podem gerar impulsos nervosos que nos permitem a percepção e a adaptação do mundo ao nosso redor.

Historicamente, a concessão desta grande honraria à uma “semente dispersa do Cedro” não representa fato singular e os anais guardam relação direta com o Brasil.

Peter Brian Medawar nasceu em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, o que lhe conferiu cidadania brasileira. Peter se tornou um dos maiores cientistas do século XX e foi agraciado com o prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, em 1960. Filho de Name Medawar, libanês nascido em Jounieh, um bem sucedido comerciante de instrumentos ópticos/odontológicos na Inglaterra, onde se casou, com a inglesa Edith Muriel Dowling.

Ambos chegaram ao Rio de Janeiro em 1913, para fundar a Óptica Inglesa. No Rio, a família Medawar morava em Copacabana e matinha residência de veraneio em Petrópolis, na região serrana. No verão de 1915, às 17:30h do dia 28 de fevereiro, Peter veio ao mundo na cidade fundada por D. Pedro II, conforme consta em registro civil feito em 10 de março, no cartório local. Curiosamente, em 1876, o próprio Imperador foi ao Líbano e na ocasião convidou os libaneses a imigrarem para o Brasil.

O que o monarca provavelmente não contava era que 39 anos depois a sua cidade seria o berço de um cientista tão diferenciado e mundialmente reconhecido. O menino foi também registrado no consulado britânico do Rio de Janeiro e viveu no Brasil até os 13 anos quando, acompanhado de sua irmã Pamela, partiu para a Inglaterra para realizar os estudos secundários.

Peter se destacou nas ciências biológicas e desde cedo se dedicou à pesquisa, recebendo bolsa de estudos do Governo Britânico. Na sua maioridade, solicitou a Salgado Filho, seu padrinho e Ministro da Aeronáutica, para ajudá-lo a obter a liberação do seu serviço militar obrigatório no Brasil. Na época, o Ministro da Guerra do Presidente Getúlio Vargas, general Eurico Gaspar Dutra, não atendeu ao pleito do estudante petropolitano e colocou em questão a sua cidadania brasileira, caso não cumprisse aquela obrigação. Desde então, o jovem passou a utilizar apenas a sua cidadania britânica.

Em 1935, Peter graduou-se em zoologia na Universidade de Oxford, onde conheceu e se encantou com Jean Shinglewood Taylor e dizia que ela era “A mais bela jovem de Oxford”. Filha de um médico de Cambridge, Jean também cursou zoologia e realizou pesquisas com Lord Howard Walter Florey, cientista que posteriormente recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1945, compartilhado com Sir Alexander Fleming, pelo desenvolvimento da penicilina. A contragosto da família, em 1937, a jovem casou-se com Peter e o casal teve 4 filhos. Em 1990, Lady Medawar publicou suas memórias *A Very Decided Preference: Life with Peter Medawar* (Uma preferência muito decidida: a vida com Peter Medawar). Ao concluir sua pesquisa de doutorado, em 1941, Peter não recebeu seu diploma porque não tinha como pagar a taxa de £25 libras, visto que teve que gastar o dinheiro em uma urgência médica, a sua apendicectomia. Anos mais tarde, em 1947, a própria Universidade concedeu-lhe o título de Doutor em Ciências. Peter obteve o primeiro lugar em concurso para a cadeira de microbiologia na Universidade de Oxford, a segunda mais antiga da Europa, desenvolvendo ali a sua excepcional carreira científica.



Foi um cientista diferenciado e pioneiro no emprego da modelagem matemática para cultura de células e tecidos. Durante a Segunda Guerra Mundial, o pesquisador servia na Unidade de Queimados da *Glasgow Royal Infirmary* onde as muitas vítimas de queimaduras extensas consequentes aos bombardeios recebiam enxertos de pele. A rejeição de enxertos era um dos maiores problemas hospitalares da época. Medawar elucidou o fenômeno da rejeição como um problema biológico e não técnico-cirúrgico, desenvolveu a teoria da imunidade nos transplantes e foi o pioneiro em desvendar os mecanismos de tolerância imunológica adquirida. Estudou a imunomodulação pelos corticoides e produziu o primeiro impacto positivo no aumento da sobrevivência dos transplantes renais, sendo posteriormente fundador e primeiro presidente da Sociedade Internacional de Transplantes.

“A mente humana trata uma nova ideia da mesma maneira que o corpo trata uma proteína estranha; ele a rejeita”
Peter Brian Medawar

Medawar dividiu o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1960 com o australiano Frank Burnet, pelo estabelecimento das bases da tolerância imunológica e a criação do soro antilinfocitário, um feito que modificou definitivamente a história da rejeição pós-transplante de órgãos.

Em 1961, já laureado, o cientista retornou ao Rio de Janeiro e recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando declarou “depois de tantos anos, uma das maiores emoções de minha vida foi o meu retorno ao Brasil”. Em 1962, foi nomeado chefe do maior laboratório de investigação médica do Reino Unido, o *National Institute for Medical Research* e em 1965 recebeu o título de *Sir*, concedido pela Rainha Elizabeth II. Sua brilhante carreira de pesquisador foi interrompida prematuramente, em 1969, quando aos 54 anos foi vítima de um acidente vascular cerebral que comprometeu seriamente as funções motoras de seu físico atlético, com 1,90m de altura.

Sir Peter Medawar produziu literatura técnica abundante e uma série de livros filosóficos, sendo que apenas um deles foi traduzido e editado no Brasil (*The Limits of Science* - 1984) “Os limites da Ciência”, tradução de Antonio Carlos Bandouk - editora Unesp, em 2008. Em 1986, um ano antes de falecer, publicou sua autobiografia: *Memoir of a Thinking Radish* (Memórias de um Rabanete Pensante), onde constam as lembranças do Brasil e a narrativa da limitação física causada pela doença contrastada com a sua preservada lucidez. Medawar faleceu em Londres, em 2 de outubro de 1987, deixando além dos filhos um neto, Alexander Medawar Garland, atualmente escritor e roteirista de cinema. Em 1990, a *The Transplantation Society* criou o *Medawar Prize*, em homenagem ao seu cofundador, até hoje um dos maiores prêmios científicos mundiais da imunologia e da transplantação.

Descendentes libaneses vêm contribuindo substancialmente para a história da Medicina mundial, assim simbolizada através do reconhecimento destes dois eminentes laureados com Nobel. Em diferentes continentes, muitos outros “ramos dispersos de cedro” ocupam papel de destaque nas ciências médicas mundial.

No Brasil, a ancestralidade libanesa está presente em renomadas trajetórias com atuações em diferentes instituições científicas. Como exemplo, atualmente, cerca de 11% dos Membros Titulares que ocupam a Academia Nacional de Medicina são médicos de origem libanesa, aqui discriminados por ordem alfabética: Aderbal Magno Caminada Sabrá, Fabio Biscegli Jatene, Henrique Murad, Jorge Elias Kalil Filho, José Horácio Costa Aboudib Jr, Marcus Túlio Bassul Haddad, Mauricio Younes Ibrahim, Raul Cutait, Rui Haddad e Samir Rasslan.

Não será surpresa se, num futuro próximo, outras raízes libanesas dispersas ao redor do mundo vierem a integrar a seleta lista de laureados Nobel em Fisiologia e Medicina, seguindo o curso da ancestralidade, genética e epigenética.

Dr. Mauricio Younes-Ibrahim e Dr. Jorge Kalil

são membros Titulares da Academia Líbano-brasileira de Letras, Artes e Ciências e da Academia Nacional de Medicina

1- Medawar, Peter (2008) “Os limites da Ciência”, tradução de Antonio Carlos Bandouk - editora Unesp. ISBN-10: 8571398526

2-~~Younes-Ibrahim, Mauricio (2015). “Brazilian Nephrology pays homage to Peter Brian Medawar”.~~ *Jornal Brasileiro de Nefrologia*. 37 (1): 7–8. doi:10.5935/0101-2800.20150001. PMID 25923743.

3- Richmond, C. (2005) “LadyJeanMedawar”. *BMJ*. 330 (7504):1392. doi:10.1136/bmj.330.7504.1392. PMC 558304

4- Medawar Jean (1990). *A Very Decided Preference: Life with Peter Medawar*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 0-19-217779-6.

5- Medawar, Peter (1986). *Memoir of a Thinking Radish: An Autobiography*. Oxford: Oxford University Press. pp. 180–195. ISBN 0-19-217737-0

A portrait of João Sayad, a man with glasses and a beard, wearing a dark suit jacket over a light blue shirt. He is looking slightly to the right of the camera. The background is a dimly lit room with a potted plant on a table to the left and a doorway in the background.

JOÃO SAYAD: A MEMÓRIA DO ECONOMISTA

Dr. Theophilo Miguel

Etimologicamente, tradição é uma palavra com origem no termo em latim *traditio*, que significa "entregar" ou "passar adiante". A tradição é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças e lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a integrar e influenciar a cultura. Outro não é o escopo da excelente iniciativa de se instituir uma entidade destinada à preservação das tradições libanesas por seus nacionais e descendentes perante o Brasil.

Nascido na cidade de São Paulo em 1945, João Sayad, Patrono da Cadeira número 19 da Academia Líbano Brasileira de Letras, Artes e Ciências, foi um economista formado pela Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo (USP) em 1967. Após sua graduação, passou a integrar o corpo docente do Departamento de Economia da mesma instituição, e alguns anos mais tarde, em 1970, concluiu seu mestrado em economia no Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE) da FEA-USP. Em 1973, se mudou para os Estados Unidos, onde obteve, na Universidade de Yale, o título de *Master of Arts*.

Três anos mais tarde, em 1976, concluiu sua formação acadêmica na universidade americana com o grau de *Philosophy Doctor* (PhD) em economia. Em 1978, de volta ao Brasil, tornou-se livre-docente do Departamento de Economia da FEA-USP.

Em 1983, após anos dedicados à vida acadêmica, João Sayad se tornou Secretário Estadual da Fazenda de São Paulo, durante os dois primeiros anos do governo de Franco Montoro. Em 1985, diante dos bons resultados obtidos durante a sua gestão à frente da Secretaria da Fazenda, foi convidado para assumir o Ministério do Planejamento do Governo de Tancredo Neves, que logo após sua morte, foi assumido por seu companheiro de chapa, José Sarney.

Após assumir o Ministério, João Sayad começou a divergir do então Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, que defendia uma política econômica de juros altos e corte nos gastos públicos, ao passo que Sayad apoiava abertamente a redução da taxa de juros pelo Banco Central, o que resultou na criação de duas correntes econômicas antagônicas dentro do governo.



Sem o apoio político necessário para manter um rígido controle das políticas monetária e fiscal, e após o apoio do Presidente Sarney ao Plano de Metas desenvolvido por Sayad, Francisco Dornelles pediu demissão em setembro de 1985, tendo sido substituído por Dilson Funaro, que juntamente com João Sayad, foi incumbido de reduzir a inflação do país até abril de 1986.

Assim, em março de 1986, José Sarney anunciou a criação de um Plano de Estabilização Econômica (PEE), elaborado por João Sayad em conjunto com João Manuel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo, que ficou conhecido como Plano Cruzado. O plano trazia um conjunto de medidas econômicas lançadas pelo governo com o objetivo de conter o processo inflacionário desenfreado que assolava o país.

Dentre as principais medidas adotadas, a principal marca do Plano Cruzado foi o congelamento de preços, que previa um tabelamento oficial a ser seguido para impedir o aumento constante nos valores das mercadorias e serviços, e que poderia ser suspenso a qualquer momento pelo Poder Executivo.

De início, o Plano Cruzado conseguiu reduzir significativamente a inflação, o que foi visto com bons olhos por grande parte da população.

Contudo, o plano começou a se mostrar ineficaz justamente devido ao desequilíbrio dos preços. Como os produtores e empresários não podiam reajustar o valor de suas mercadorias, a produção de vários produtos e serviços foi ficando cada vez mais deficiente, resultando no desabastecimento de bens e no surgimento de ágio para a compra de produtos escassos. Além disso, com o passar dos meses, foi se tornando cada vez mais evidente que o governo não havia implementado nenhuma grande medida que fosse capaz de contornar o desequilíbrio das contas públicas, o que contribuía com o processo inflacionário.

Diante dos problemas apresentados, a equipe econômica do governo começou a perceber a necessidade de partir para outro estágio da política recém-lançada. Assim, em julho de 1986, foi anunciado um novo pacote de medidas conhecido como “Cruzadinho”.

O novo pacote criou o Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND), desenvolvido por João Sayad, e anunciou a criação de um sistema de empréstimos compulsórios sobre duas categorias de produtos — gasolina e automóveis — que seriam restituídos após três anos, e impostos não-restituíveis sobre a compra de moedas estrangeiras e passagens aéreas internacionais.

O novo plano não obteve o resultado previsto, e o governo precisou focar em um novo planejamento econômico. Assim, após as eleições de novembro de 1986, foi implementado o Plano Cruzado II. A última aposta da equipe econômica foi em um novo conjunto de medidas que aumentou impostos indiretos, reajustou preços de bens e serviços que estavam defasados, concedeu alguns subsídios para as exportações, e expurgou do índice da inflação as variações de preços de produtos considerados supérfluos.

Apesar de apresentar algumas diferenças em relação ao Plano Cruzado I, mais uma vez a proposta do governo não se mostrou eficaz na estabilização da inflação, uma vez que as novas medidas acabaram trazendo à tona toda a inflação reprimida durante o período de congelamento de preços. Assim, chegava ao fim o Plano Cruzado.

Em fevereiro de 1987, João Sayad se afastou do Ministério do Planejamento para tratar um quadro de meningite. Ao retornar, apresentou ao Presidente Sarney um novo plano de estabilização da economia, não tendo recebido apoio do então Ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Desgastado, em março de 1987, Sayad pediu demissão e retornou à área acadêmica. Em 1988, juntamente com Philippe Reichstul e Francisco Luna, fundou o Banco SRL S.A, posteriormente adquirido pelo American Express Bank.

Entre os anos de 2001 e 2004, durante o governo de Marta Suplicy, foi Secretário Municipal de Finanças da cidade de São Paulo. Em setembro de 2004, foi nomeado vice-presidente de Administração e Finanças do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Washington (2004-2006).

Em 2007, durante o governo de José Serra, foi nomeado Secretário da Cultura de São Paulo, tendo permanecido no cargo até 2010. Ocupou também o cargo de Presidente da TV Cultura entre os anos de 2010 e 2012.

Durante toda sua trajetória profissional, Sayad ocupou diversos cargos de relevância e foi também autor dos livros “Que país é este?”, uma reunião de seus artigos acadêmicos e de opinião publicado em 2009, e “Dinheiro, dinheiro: Inflação, desemprego, crises financeiras e bancos”, publicado em 2015.

João Sayad faleceu em São Paulo, em 05 de setembro de 2021, aos 75 anos de idade, vítima de um câncer.

Dr. Theophilo Miguel

Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da Segunda Região, é acadêmico e ocupa a cadeira 19 da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências, cujo patrono é o saudoso economista João Sayad.

LÍBANO: UMA ECONOMIA SEQUESTRADA

Dr. Samir Barghouti

Parafraseando Leo Huberman, autor do livro “História da Riqueza do Homem”, haverá uma moral para os políticos e banqueiros libaneses na história de como os indianos pegam macacos contada por Artur Morgan? “Segundo a história, tomam de um coco e abrem-lhe um buraco do tamanho necessário para que nele o macaco enfie a mão vazia.

Colocam dentro torrões de açúcar e prendem o coco a uma árvore. O macaco mete a mão no coco e agarra os torrões, tentando puxá-los em seguida. Mas o buraco não é bastante grande para que nele passe a mão fechada, e o macaco, levado pela ambição e gula prefere ficar preso a soltar o açúcar”.

Olhando em retrospectiva, podemos dizer sem hesitar que a crise econômica do Líbano era previsível. E essa crise vem velada desde 1990, junto com o acordo de “Taef”, que encerrou oficialmente a guerra do Líbano. Décadas mais tarde, em outubro de 2019, quando essa crise eclodiu, a economia tinha pela frente quatro desafios incomuns:

1º: a dívida do setor público atingiu um patamar tão elevado que a inadimplência se tornou uma questão de “quando” iria ocorrer e não “será” que vai acontecer.

2º: o outrora cantado e decantado setor bancário libanês, que cedia em empréstimos $\frac{3}{4}$ de seus depósitos (dos correntistas) para o governo, estava em falência disfarçada e numa falta de liquidez galopante.

3º: a economia produtiva quase não expandia e nem crescia durante uma década inteira, o que fez esse “desenvolvimento” apresentar grandes nefastos efeitos políticos e sociais.

-4º: o país estava politicamente segmentado: não havia presidente entre 2014 e 2016, e o governo ficava simplesmente sem formação, aguardando as eleições parlamentares de 2018, que ocorreram com um atraso de cinco anos.



O novo governo formado em 2019 não possuía a experiência para implementar as reformas exigidas pela comunidade internacional, como também não tinha condições para enfrentar a crise de tamanha envergadura que finalmente explodiu.

-5º: a incrível corrupção, que atingiu graus jamais vistos no estado libanês, simplesmente embrenhou-se nas instituições, em todos os seus setores e corroeu tudo que ainda restava.

E assim, os bancos, já insolventes, passaram a não ter mais liquidez, e começaram a decretar “feriados bancários”, além de exigir limites para saques bancários. Acabaram simplesmente confiscando as contas correntes de seus clientes. A partir desse momento, podemos afirmar que nascia o mercado negro no país dos cedros, cuja moeda nacional, a libra libanesa, começava a sofrer uma forte desvalorização jamais vista nos 100 anos da história do Líbano.

A inflação chegou com força, os salários reais e o poder de compra das pessoas entraram em colapso. Adicionado a isso, havia uma pandemia instalada e, sem que ninguém pudesse imaginar, ocorreu no dia 04 de agosto de 2020, em Beirute, a 2ª maior explosão não nuclear do mundo, destruindo 1/3 da capital libanesa, matando centenas de pessoas e ferindo milhares.

Analisando em perspectiva temos o seguinte quadro:

a- Importações: O Líbano importa sete vezes mais produtos do que exporta, tornando o país muito dependente de países estrangeiros. Devido às altas importações, é um dos países mais endividados do mundo e sua dívida é de 155% do PIB anual. Como resultado, a atual taxa de inflação está em torno de 120%;

b- Eletricidade: O acesso à eletricidade é um dos maiores problemas para o Líbano. A rede elétrica do país não é suficiente para manter o fornecimento de energia para seus 6,8 milhões de habitantes. Os apagões repetidos variam de três a 17 horas, forçando as pessoas a ajustar a cozinha, o banho e outras atividades diárias.

Portanto, as pessoas têm que pagar por uma fonte de energia secundária ou roubá-la, o que aumenta o problema. Não há um planejamento por parte do governo, e nem houve investimento na infraestrutura;

Além disso, a crise destaca a disparidade de classes, onde os 10% mais ricos detêm 57% da renda total do país. Os 50% mais pobres do país respondem por apenas 11% da renda do Líbano. As classes média e baixa lutam para acompanhar a inflação com recursos minguantes, enquanto os ricos veem sua influência desaparecer.



Mas, o que esses números não mostram são as cicatrizes estruturais: o capital humano (pessoas jovens e qualificadas), sem perspectiva de um futuro, vai imigrando em massa. Igualmente preocupante é a perda de capacidade física para a produção devido ao fechamento em grande escala das poucas fábricas do país.

Na verdade, o que mais preocupa desse colapso econômico são as suas consequências, pois podem ser criados elementos para a perfeita tempestade: o retorno à violência.

Finalmente podemos concluir que a economia do Líbano foi sequestrada, pois o país se sustenta e vive sobre quatro pilares:

1- O dinheiro dos expatriados e imigrantes (dinheiro emprestado);

2- O dinheiro da ajuda das Nações Unidas para os refugiados palestinos e sírios (dinheiro emprestado);

3- O dinheiro proveniente da mão-de-obra síria, cujo país depende dessa força de trabalho (dinheiro emprestado);

4- O dinheiro do Mercado Negro, fruto também da lavagem de dinheiro, do tráfico, etc (dinheiro emprestado).

Observamos a desintegração do estado libanês em detrimento do crescimento do mercado negro. O povo está vivendo de uma economia emprestada, de uma moeda emprestada, de bancos falidos e fechados ao mesmo tempo.

O Líbano está-se afogando numa areia movediça, e a cada movimento ele se afunda mais.



A crise em curso no país está prejudicando seriamente a subsistência do povo libanês. Tem que haver uma grande reforma do governo e de todo estado para resolver os problemas mais arraigados do país. Resta ao país duras e rápidas medidas a tomar, entre elas:

a- iniciar urgentemente um plano do crescimento econômico para girar a economia;

b- colocar um plano de reformas de infraestrutura do país;

c- elaborar um plano para resolver urgentemente o seu déficit orçamentário e o da balança comercial;

c- recorrer ao Fundo Monetário Internacional como a única forma de alívio para começar a estabilização da economia;

d- desenvolver um plano para reordenar todo o sistema bancário.

O Líbano está vivendo um derradeiro momento existencial, e no curto prazo, o que se pode esperar é um cenário de uma "ruptura", apoiado minimamente por uma ajuda financeira externa, que impeça o colapso econômico total.

Quanto ao principal, bem isso todos sabem: acabar de vez com a corrupção que corroe o sistema e o estado libanês.


Nunca é desnecessário lembrar Khalil Gibran "Infeliz a nação que está cheia de crenças e vazia de religião". Infeliz a nação que veste a roupa que não teceu, come o pão que não amassou e bebe o vinho que não brota do seu lagar.

Infeliz a nação que aclama o novo governante com trombetas e lhe diz adeus com apupos, só para saudar outro novamente com trombetas.

Infeliz a nação cujos sábios emudeceram com os anos e cujos homens fortes ainda estão no berço. Infeliz a nação dividida em fragmentos, cada fragmento considerando-se a si próprio uma nação.

Dr. Samir Barghouti

Presidente da Câmara de Comércio Líbano-Brasileira do Rio Grande do Sul e acadêmico da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências.



COM OS CHEIROS DAS FLORES DE LARANJEIRAS: NOSSA IDENTIDADE ATRAVÉS DA CULTURA

Dra. Marisa Avogardo Thomé

*As palavras são intemporais.
Você deve pronunciá-las, ou escrevê-las,
lembrando que são intemporais.
Gibran Khalil Gibran*

Do jardim vinham os aromas de flor de laranjeira e jasmim. As flores das laranjeiras, as laranjas acabadas de cortar, misturam-se no ar com o perfume e o sabor intenso das especiarias. O indispensável *zaatar*, orégano, hortelã...

O perfume do jasmim em flor daba as boas-vindas aos que chegavam à casa. Na primavera, dia e noite, essa mistura de doçura inconfundível acompanhava os nossos dias.

Seria muitos anos depois dessas experiências familiares que eu me perguntaria o que é a identidade. A identidade, esses traços que nos fazem reconhecer-nos como parte de uma comunidade, que nos diferenciam dos outros, como nos explicam os dicionários.

Mas essa identidade é constituída por vários elementos. As diversas percepções constituem um modo de pensamento. A escrita - a arte da palavra - recria um ambiente, descreve situações, personagens e paisagens. Ela nos comunica e nos transmite uma bagagem cultural.

As letras, as cores, os sabores, os aromas, os sons expressam sentimentos, emoções, simpatias e rejeições. Características de uma cultura, de sujeitos e objetos. Uma cultura que utiliza os meios de comunicação, desde os interpessoais até aos mass media tecnológicos; aquela que nos explica um axioma que tudo comunica e que é impossível não comunicar.

Enfatizando a percepção visual como modo de inteligência e pensamento e a relação entre o todo e as partes que compõem a estrutura, seguindo os postulados de Rudolf Arheim, que também refere que cada vez que observamos um objeto, não apenas percebemos suas propriedades, mas também as do objeto, meio e observador. *(cont)*

Percepção que juntamente com os referidos axiomas e o quadro de referência que envolve cada situação, permitem chegar à identidade, através das manifestações da arte, da gastronomia, dos aromas e acontecimentos quotidianos que são transmitidos de geração em geração, de nós - descendentes de imigrantes - muitas vezes uma mistura de pátria e cicatrizes, raízes da mãe terra e filhos em terra estrangeira.

Quem quando bebê ou na infância não foi embalado pelas ternas palavras de "neme iaiune" (dorme meu filho)...? A arte, suas expressões: poesia, história, música, dança, pintura; os sabores, os aromas, as cores; eles são um ponto de encontro para nossas identidades.

Por meio destas palavras, quis oferecer uma viagem pelos sentimentos, pelos dizeres; onde cada elemento remete para as diferenças que temos enquanto povos que compõem este país e todas as semelhanças que nos fazem compartilhar esta terra.

Uma narrativa de imagens, cores, palavras, sons, perfumes que dão uma forma de contar identidades, para além das raças. Aos nossos antepassados que chegaram com suas malas cheias de sonhos e esperanças e a nós, que desde então convivemos com as diferenças.

Finalmente, e pensando na nossa identidade, neste caso, a identidade libanesa e a honra de ter sido electa como membro correspondente desta recém-formada Academia Libanês-Brasileira de Letras, Artes e Ciências no Rio de Janeiro, Brasil, uma história de ficção tomou forma, baseada na minha avó Kawla, Julia em espanhol, que veio de Qornet el Hamra e que morreu enquanto eu, com quatro anos de idade, brincava com ela na sua cama uma tarde.

O Canto Vermelho

Como sempre, o aroma pleno das flores de laranjeira inundou a cozinha. Decidi preparar um café branco, como a Avó costumava chamar-lhe. Procurei o *rakwe*, um pequeno recipiente de bronze ou alumínio, ao estilo argentino, com uma pega, uma pega longa de madeira.



Agora, com ele na minha mão, e com a água, coloquei-o a ferver. Escolhi os ingredientes que o tornaram tão especial: água de flor de laranjeira (quando não havia nenhuma em casa, substituí-a por água de rosas); depois açúcar e uma semente de cardamomo esmagada. Já no ar estava o aroma floral, o sabor doce, fresco e picante, tudo ao mesmo tempo.

Fechei os olhos e imaginei que estava chegando ao porto. O cheiro das flores e as especiarias me transportou para os finais dos anos do 1800. Uma terra distante. E aquele azul mediterrânico impossível de esquecer: às vezes claro, às vezes escuro. A hora do dia tornava-o profundo, infinito... Azul. Tinha que continuar preparando o café, faltava pouco tempo para sair. Provei meu bebida lentamente. Os perfumes se misturaram com as lembranças, e passaram pela minha cabeça como num filme. *Aiune*, meus olhos, mina avó costumava dizer-me, e eu corria para seus braços, sempre abertos para mim. E chegava um cara e depois outro, e eles se serviam um café forte, intenso e quente. A cafeteira tinha café durante todo o dia.

(Fechei os olhos e imaginei que estava chegando ao porto. O cheiro das flores e as especiarias me transportou para os finais dos anos do 1800. Uma terra distante. E aquele azul mediterrânico impossível de esquecer: às vezes claro, às vezes escuro. A hora do dia tornava-o profundo, infinito... Azul.

Tinha que continuar preparando o café, faltava pouco tempo para sair. Provei meu bebida lentamente. Os perfumes se misturaram com as lembranças, e passaram pela minha cabeça como num filme. *Aiune*, meus olhos, mina avó costumava dizer-me, e eu corria para seus braços, sempre abertos para mim. E chegava um cara e depois outro, e eles se serviam um café forte, intenso e quente. A cafeteira tinha café durante todo o dia.

Faltava-me colocar algumas roupas na mala. Meu vestido branco de bambu com bordados da mesma cor, que me lembrava as manhãs junto ao mar, o ar marinho e aquela típica mistura de gotas salgadas que costumavam salpicar as ondas.

Respirei fundo como se quisesse ter mais coragem. Fechei a mala, verifiquei os meus documentos na minha grande bolsa cor de manteiga e coloquei meu lenço de seda, aquele iridescente de rosas claros e dourados.

Eu já estava a caminho do aeroporto, repetindo mentalmente “o Canto Bermelho”, era muito importante lembra-lo, era o começo e o fim.

Cheguei, fui direto para o embarque. Muitas horas de vôo me esperavam. Nunca tinha feito uma viagem tão longa.

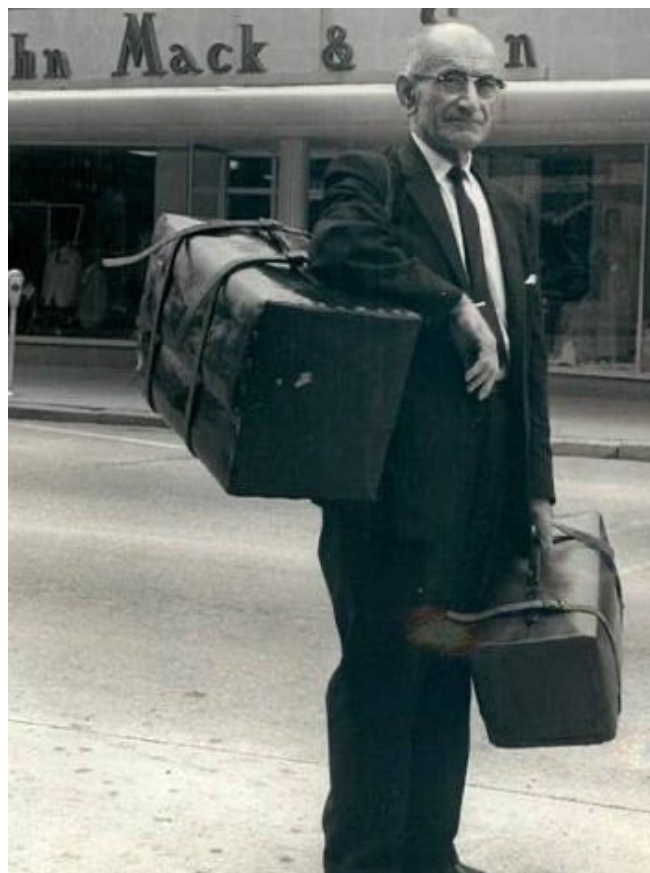
Tantos pensamentos passaram pela minha cabeça que, às vezes, pensei que seriam ouvidos. Dormia de vez em quando, depois bebia água, comia um biscoito, ouvia música, olhava o celular.

As horas passaram, a noite virou dia e continuamos a voar. Veio uma aeromoça, ofereceu-me o pequeno-almoço e escolhi um café intenso. Finalmente ouvimos o piloto anunciando a chegada pelo alto-falante. Muitas mãos foram vistas tirando casacos, arrumando cabelos. E para descer.

Cheguei à rua, já depois da manhã, de calor intenso nesta geografia. Tinha guardado na memória os nomes das ruas e o endereço. Ao longe, consegui perceber o aroma das flores de laranjeira que, com a suave brisa do mar, começou a inundar-me o rosto. Mais um quarteirão e eu chegaria ao meu destino. Quando cheguei à esquina, virei à direita e fiquei mesmo em frente ao Canto Vermelho, Qornet el Hamra, a cidade onde a minha avó Julia nasceu..

Dra. Marisa Avogadro Thomé.

Mestrada em comunicação e educação. Escritora, jornalista, sócia Correspondente da Academia Líbano- Brasileira de Letras, Artes e Ciências para a Argentina .



JOSEPH E JACOB, ENTRE OS PRIMEIROS IMIGRANTES BRASIL- LÍBANO

Prof. Roberto Khatlab

Como muitos nativos do Monte Líbano fizeram depois dele, Joseph Ibrahim Nehmé trocou suas terras pelo Rio de Janeiro no final do século 18. Já o líbano-brasileiro Jacob Menassa fez o caminho do retorno, voltou para seu país de origem, o Líbano, no final do século 19, depois de viver no Brasil. Na época, o Líbano, na geografia do Império Otomano, era a cordilheira do Monte Líbano.

Esses dois homens, Joseph e Jacob, estão entre os primeiros que fizeram o movimento da imigração e do retorno da expatriação, entre o Brasil e o Líbano, segundo pesquisa a partir de registros encontrados. A emigração é milenar na história do Líbano e acontece por motivos que vão de conflitos até crises econômicas, sociais e demográficas. Assim o livro do Mahjar (emigração, em árabe) não fecha suas páginas há séculos.

Os vestígios de um libanês no Brasil no século 18, Joseph Ibrahim Nehmé, foi um grande achado, inédito, em minhas pesquisas sobre a imigração árabe no Brasil. Encontrei o registro no livro do pesquisador brasileiro de origem sírio-libanesa, o saudoso João Abdalla Neto, falecido em 2022. Tratava-se de um fac-símile de um recorte do jornal oficial do Brasil na época, a Gazeta do Rio de Janeiro, de 1820, sobre naturalização de Joseph. “M. Joseph Ibrahim, que foi Capitão dos Mamelucos da Ex-Guarda, Cavaleiro da Legião de Honra; nascido em Dair el Kamar, na (sic) Síria, a 8 de setembro de 1776, conseguiu de Sua Majestade carta de naturalização”, diz o trecho.



A partir desse fac-símile e em conversas com o pesquisador João Abdalla Neto, comecei a fazer uma análise e pesquisa sobre o texto do jornal para saber mais sobre Joseph. O sobrenome de Joseph Ibrahim não está escrito no jornal, mas consta Joseph, em francês, já que a França tem ligações com os cristãos do Monte Líbano desde o século 13 e muitos adotaram nome francês. Também consta no jornal Ibrahim, nome do pai de Joseph, comum nos países árabes. O sobrenome de Joseph Ibrahim Nehmé não foi registrado nos documentos portugueses – Joseph esteve em Portugal antes de morar no Brasil.

Joseph foi, no Brasil, Capitão dos Mamelucos da ex-Guarda. Mamelucos é a denominação dada no Brasil aos mestiços, europeus com ameríndios. O termo era usado para grupos organizados de caçadores de escravos, também conhecidos como bandeirantes, que percorriam o interior do Brasil em busca de riquezas. Joseph era capitão de um grupo de bandeirantes. Ele tanto se empenhou em seu cargo que recebeu medalhas como a de Cavaleiro da Legião de Honra.



O jornal relata que Joseph nasceu em Deir El-Kamar, na Síria. Na realidade, Deir El-Kamar era na época a capital do Emirado do Monte Líbano (1516-1849), uma das províncias autônomas dentro do Império Otomano, que teve dois clãs líderes de dinastias: Maan (Fakhreddine) e Chehab. Hoje Deir El-Kamar é uma cidade histórica do distrito de Chouf, província do Monte Líbano. Joseph nasceu em 8 de setembro de 1776, período do emir Youssef Chehab. Recebeu a naturalização em 1820, dois anos antes da Independência do Brasil, da Sua Majestade Dom João VI, que na época era o rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815-1822).

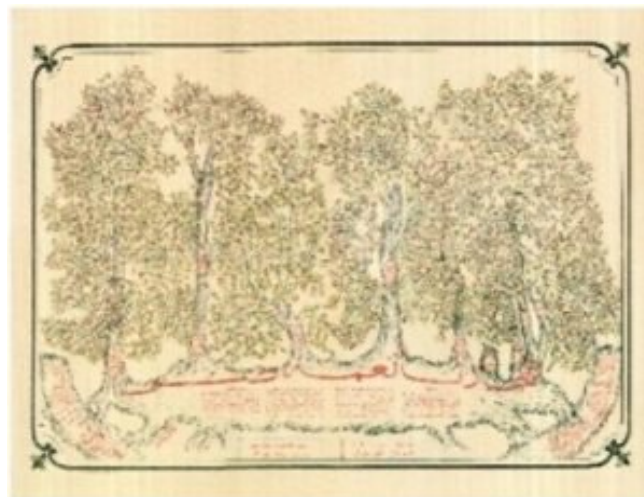
Qual o sobrenome do Joseph Ibrahim? No Líbano, iniciei uma pesquisa, em colaboração com pesquisador genealógico líbano-brasileiro Ramez Toufic Labaki, na cidade Deir El-Kamar, onde nasceu Joseph Ibrahim, a 38 quilômetros de Beirute. Nessa pesquisa encontramos várias famílias da cidade, como Chamoun, Rizkallah, Richa, e a surpresa foi achar uma árvore genealógica em árabe com o nome Joseph. Estava escrito Joseph mesmo, não Youssef, como seria em árabe. Na árvore consta que Joseph é filho de Ibrahim, da família de sobrenome Nehmé. A palavra Nehmé ou Nahmé quer dizer “bênção” em árabe. Portanto, o nome completo do imigrante era Joseph Ibrahim Nehmé, de uma grande família de Deir El-Kamar e que, em princípio, tem origem na árvore genealógica Daou.

E acredita-se que a raiz do nome é da cidade de Lehfed, perto de Biblos, Monte Líbano. O sobrenome Nehmé é proveniente de famílias cristãs da Igreja Maronita Católica. Esse é o caso do Joseph, mas também há famílias muçulmanas, sunitas e xiitas, e drusas, que compartilham esse mesmo sobrenome. Entre os cristãos maronitas estão o Beato Estefano Nehmé (1889-1938) de Lehfed. Na árvore genealógica que encontramos em Deir El-Kamar constam nomes desde o ano 1600. A árvore foi feita por Nehmé Bechara Nehmé (1913).

Com essas informações comecei a fazer uma análise do momento histórico do século 18 em Deir El-Kamar e da problemática da mobilidade da população, na tentativa de delinear um quadro epistemológico. A emigração de Joseph Ibrahim Nehmé aconteceu em cerca de 1795, portanto, a data mais antiga da qual temos conhecimento até o momento na história da emigração libanesa para o novo mundo. O Emirado do Monte Líbano nessa época tinha problemas de sucessão na dinastia Chehab, a do emir Bachir II Chehab (1788-1840). Os conflitos levaram vários jovens, como ainda hoje, a emigrarem do Líbano. Joseph partiu em direção à Europa e chegou em Lisboa, Portugal.

Ele trabalhou na Marinha portuguesa e navegou para o Brasil, que na época era colônia de Portugal. Chegou no Rio de Janeiro no mesmo ano e continuou na marinha portuguesa. Depois foi ser bandeirante, explorador de riquezas e capitão dos mamelucos. O libanês recebeu condecorações e em 1820 foi naturalizado cidadão do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Joseph permaneceu no Rio de Janeiro e trabalhou no comércio. Em princípio, casou com uma indígena no Brasil. Ele faleceu em 1840. Joseph Ibrahim Nehmé pode ser considerado um dos primeiros libaneses, do Monte Líbano, a imigrar para o Brasil, em 1795, século 18. Ele é um dos marcos da presença libanesa no Brasil, há 227 anos (1795-2022).

Em 1858, foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil – Turco Otomano, pelo Imperador do Brasil Dom Pedro II de Alcântara e o sultão otomano Abdulmejid I. O tratado facilitou o comércio entre os impérios e o movimento dos titulares do passaporte turco-otomano. Também facilitou o fluxo de comerciantes turcos, árabes, armênios e gregos para o Brasil. Nos anos 1871 e 1876, Dom Pedro II visitou o Levante, estando na Síria, Monte Líbano, Palestina e Egito. O imperador, conhecedor da cultura e da língua árabe, fez com que os jornais árabes da época escrevessem sobre a sua visita e sobre o Brasil, o que atraiu mais os árabes ao Brasil.



A partir de 1880 houve grande imigração de árabes a terras brasileiras, particularmente dos libaneses e sírios. Dom Pedro II foi o pioneiro das relações Brasil-Mundo Árabe e atraiu a “Grande Imigração” árabe para o Brasil.

Nesta mesma pesquisa de imigração libanesa, descobri algo inédito em contato com o promotor cultural libanês Jacques Menassa, cujo avô, Jacob Ibrahim Menassa (1872–1937), nascido na cidade de Ghosta, Monte Líbano, Império Otomano, ouviu falar de um imperador brasileiro. Dom Pedro II visitou a região de Nahr el Kalb, Rio do Cachorro, Monte Líbano, em 1876, e Jacob soube pelos jornais e pelo povo que o Brasil de Dom Pedro II era grandioso. Jacob Menassa, então, resolveu emigrar, com seus dois irmãos, para Manaus, no estado brasileiro do Amazonas, em 1885, época do ciclo da borracha. Jacob trabalhou no comércio bem na chamada “Belle Époque Amazônica” (1890-1920).

Ele foi naturalizado brasileiro em 1889. Mas em 1900, Jacob resolveu retornar ao Monte Líbano com sua esposa Wadigha Cecin (Sessin), de Trípoli, para abrir comércio entre o Brasil e o Monte Líbano, Império Otomano. Assim Jacob e Wadigha estiveram entre os pioneiros a retornarem do Brasil ao Líbano e a iniciarem no país árabe uma comunidade de ‘brasilibaneses’, neologismo que criei para os binacionais, brasileiros-libaneses.

Essa presença no Líbano completou, então, 122 anos (1900-2020) de existência, segundo essa pesquisa.

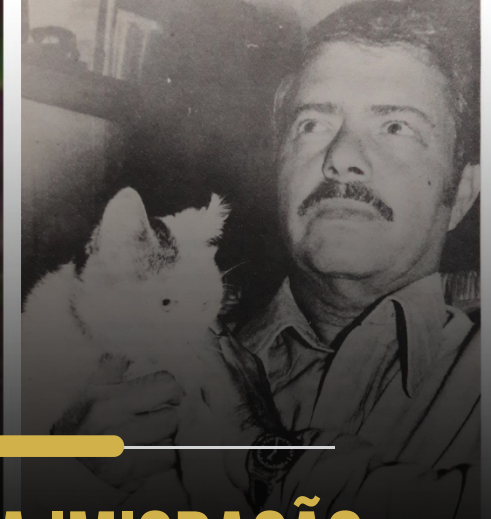
Tanto os libaneses e seus descendentes no Brasil como os brasilianeses no Líbano estão bem inseridos nas sociedades em que vivem. Ambos contribuíram e contribuem na formação e desenvolvimento dos dois países, que são amigos e têm laços centenários. Joseph Ibrahim Nehmé e Jacob Ibrahim Menassa são dois marcos da amizade Brasil-Líbano. A pesquisa continua, a epopeia dos árabes pelo mundo, e no Brasil, é grandiosa. O livro do Mahjar continua sempre aberto para novas descobertas.

Foram usados como referência neste artigo conteúdos dos livros “Limamo. Um herói brasileiro”, de João Abdalla Neto, da Editora Schoba, “Brasil-Líbano, amizade que desafia a distância”, deste pesquisador que escreve (Roberto Khatlab), das Editoras Edusc e Dar al-Farabi, e “Mahjar. Saga libanesa no Brasil”, também deste pesquisador, da Editora Mukhtarat.

Prof. Roberto Khatlab

é pesquisador e escritor, diretor do Centro de Estudos e Culturas da América Latina na Universidade Saint-Esprit de Kaslik (Usek), Líbano e é sócio correspondente da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências para o Líbano.





MEMÓRIAS DA IMIGRAÇÃO E O POETA FOED CASTRO CHAMMA

Dr. Miguel Pachá

Quando da instalação da Academia Líbano Brasileira de Letras, Artes e Ciências, no dia 12 de dezembro de 2022, na Casa de Rui Barbosa, não pude comparecer, eis que me recuperava de uma intervenção cirúrgica.

Por informações recebidas através de minha filha, Andréa Pachá, que também integra o sodalício, soube da beleza do acontecimento e das manifestações dos acadêmicos empossados, cada qual narrando a saga dos seus antepassados que vieram como imigrantes para o Brasil. Ao que parece existia entre as narrações um liame a unilas, qual seja o espírito aventureiro, a vontade de vir e vencer, e, acima de tudo, sem esquecer suas origens, amar o Brasil como segunda e definitiva pátria.

Como não estive presente dividido, agora, com os confrades e confreiras, a minha recordação dos fatos narrados por meus pais, nascidos em Antioquia, terra em que pela primeira vez os seguidores de Cristo foram chamados de Cristãos, como se lê dos Atos dos Apóstolos.

Meu pai se chamava Fuad Bacha e minha mãe Albira Bittar Bassous tiveram os seus nomes modificados pelo agente a imigração que os recebeu no Rio de Janeiro. Ao que parece quis aportuguesar os seus nomes e deu-lhes a tradução que mais lhe pareceu compatível e assim passei a ser filho de Alfredo Pachá e Elvira Bittar Pachá.

Após o casamento na Igreja Ortodoxa de Antioquia em 1926, meus pais resolveram vir para o Brasil e, em dezembro do mesmo ano embarcaram num navio. Tudo que possuíam foi vendido e com eles vieram minha avó, uma tia paterna e outra tia, que veio com o marido e três filhos. Minha mãe já estava grávida do primeiro filho, Abraão, quando do embarque num porto da Turquia. Deixando tudo para trás, traziam no bernal a esperança de vencer e de definitivamente ficarem no Brasil.

Meu pai, diferentemente dos imigrantes árabes, não quis ser mascate e em Petrópolis onde já residia seu irmão Miguel, logo se instalou com um pequeno comércio.

Veio ao Rio de Janeiro e foi para a rua da Alfandega, onde se concentrava o comércio de outros imigrantes sírios e libaneses. Confiaram nele, deram-lhe crédito necessário e prazo para o pagamento das mercadorias necessários para o início de seu negócio. Tudo girava em torno da confiança e a maioria dos comerciantes já eram conhecidos de sua terra e haviam sido alunos de meu avô Abraão, que durante 40 anos lecionou em Antioquia.

No Brasil nasceram os 5 filhos do casal: Abraão, Fausta, Janette, Miguel e Cloberta. Todos concluíram seus cursos e no intervalo das aulas ajudavam na loja. As roupas dos mais velhos vestiam os mais novos.

Em Petrópolis meu pai se tornou prospero e respeitado comerciante, chegando a ter 3 lojas, Casa Oriental, a Principal e a Soberana e meu irmão, embora formado em técnico de contabilidade, preferiu ficar no comércio, trabalhando junto com ele.



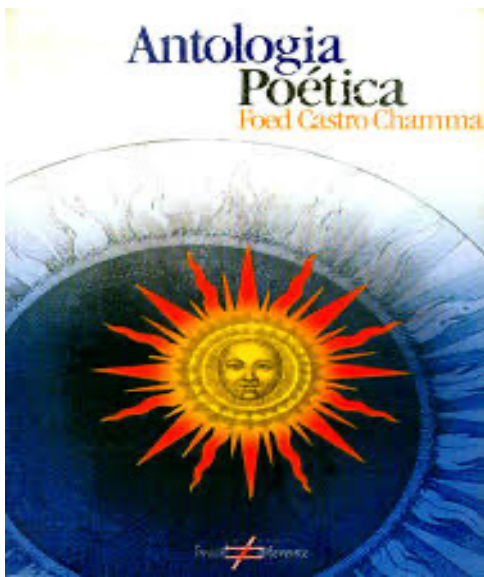
Estimado por todos, das mais variadas classes sociais, meu pai tornou-se amigo de todos, inclusive dos prefeitos, que não raro, iam saborear a comida árabe, preparada pelas mãos de minha mãe. Foi um dos fundadores do Clube Monte Libano de Petrópolis, cujos estatutos ajudei a redigir. Ao falecer, aos 63 anos de idade todo o comércio local cerrou suas portas, para a passagem do féretro e, logo a seguir o Prefeito Municipal, com aprovação da Câmara de Vereadores, deu o seu nome a umas das ruas importantes do Centro Histórico da cidade.

Como filho tenho muito orgulho de meus pais, pela luta que tiveram e pelos exemplos que legaram.

Não segui o comércio, fui vereador, presidente da Câmara de Petrópolis, me formei em Direito e em História, exerci e exerço a advocacia. Atuei como membro do Poder Judiciário, sendo juiz do Tribunal de Alçada Cível, Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça. Durante 40 anos atuei como professor na Faculdade de Direito da Universidade Católica, que me conferiu o título de Doutor Honoris Causa.

Sou membro das Academias de Letras e Educação de Petrópolis. Com muita honra integro agora este sodalício, que me faz retornar às minhas origens e conhecer mais ainda o quanto os árabes contribuíram e contribuem para o desenvolvimento do Brasil, na política, no comércio, na indústria, na ciência, nas letras e nas artes. Sei que não estarei à altura, mas tudo farei para não desmerecer a figura e a obra do patrono de minha cadeira, de número 15, **Foed Castro Chamma**.

Filho de libaneses, nasceu em Irati, no Estado do Paraná em 1927, tendo passado a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, para onde veio com sua família, aos 14 anos de idade. No Rio de Janeiro entrou em contato com a poesia moderna, através de Jorge Lima, passando a dedicar-se a poesia, alcançando destaque.



Em texto publicado no jornal da Poesia em 2001, André Sefin teve a oportunidade de acentuar:

“Foed Castro Chamma talvez tenha sido um dos poetas mais superestimados de sua geração, sem deixar de ser, também, um dos mais injustiçados. Superestimado ele foi, principalmente, em fins dos anos 50 - as injustiças vieram com o passar dos anos, e condicionaram um afastamento editorial que é, como apontou recentemente Carlos Newton Júnior, um crime contra a literatura nacional. Sua poesia, num primeiro momento, amedronta e fascina, e suas preocupações de ordem filosófica podem parecer herméticas. Só aos poucos vamos penetrando essa rede de signos, cada vez mais próximos aos recessos líricos que a sua trama cerrada oculta, denunciando uma índole pouco afeita a pequenos núcleos poéticos, tão comuns na lírica contemporânea.”

No mesmo ano de seu casamento com Lucia, em 1952, publicou seu primeiro livro “Melodia do Estio”, onde revelou seu temperamento romântico, que através dos tempos não se dissipou. Em 1955 lançou seu segundo livro “Iniciação ao Sonho”, onde caminhou para o Poder da Palavra, sendo vencedor do prêmio Olavo Bilac de Poesias do Distrito Federal em 1958.

Nesta obra procurou domesticar seu espírito romântico e surrealismo latente, que o acompanharam pela vida.



Os seus livros, publicados em 1967, denominados “Labirintos” lhe deram o prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Mate.

Com esta obra e “Ir até Ti”, de 1969, foi incluído na Antologia dos Poetas Brasileiros, organizada por Manuel Bandeira e Waldir Ayala. Posteriormente publicou “O Andarilho e a Aurora” e “Geometria da Sombra”. Obteve o primeiro lugar no Concurso Jorge Lima de Poesia em 1982, recebendo pela obra destacada crítica de Antonio Houaiss.

Estas obras e especialmente o “Labirinto” renunciaram os planos para sua obra prima “A pedra da Transmutação”, publicada pela Editora Melhoramentos, que lhe conferiu o prêmio Bienal Nestlé da Literatura Brasileira.

Marco Lucchesi, ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, em texto crítico publicado no Jornal da Poesia, em 1997, afirmou que em Pedra da Transmutação, um livro impressionante, Foed sente a profundidade abissal a nostalgia da unidade e conclui *“Trata-se de uma grande obra. Toda mental. O poeta e a pedra coincidem aqui. Tudo isso numa poesia tão alta e eloquente, numa rede complexa de significados, numa teia de remissões, numa poderosa música, onde se desdobra sua profunda cosmogonia.”*

O patrono da cadeira, que para honra minha, agora ocupo, ainda publicou outras obras, a saber: “Sons da Ferraria” em 1989 e “Antologia Poética” em 2001. Foi autor de ensaios “Filosofia da Arte” em 2000, e “Ferraduras do Raio” em 2002, além das traduções “Histórias de Fantomas” , “Espíritos e Demônios” , “Poemas de Adam Mickiewicz” “Bucólicas” de Virgílio e “A Arte de Amar” de Ovídio. A Pedra da Transmutação lhe deu merecido destaque na Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, tendo recebido, ainda, outros prêmios nacionais. Aí está, em rápidas pinceladas, a obra e a vida de FOED CASTRO CHAMMA, que faleceu no Rio de Janeiro em 2010.

Espero que esta Academia, ora instalada, composta de personalidades tão ilustres, faça renascer, a cada hora, como a Fênix, a cultura de nossos antepassados, que tanto contribuíram para o desenvolvimento da humanidade.

Dr. Miguel Pachá é desembargador, membro da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências.



“QUE TEUS OLHOS SEJAM ATENDIDOS”

Profa. Dra. Cristina Ayoub Riche

Dedicado à memória da saudosa Samira Mesquita, amiga e companheira na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que tão cedo nos deixou, patrona da ALB.

Dedicado ao saudoso mestre Antônio Houaiss, sempre uma inspiração, patrono da ALB.

A criação da Academia Líbano-brasileira de Letras, Artes e Ciências (ALB) é um acontecimento feliz, um oásis que se instala no espaço-tempo contemporâneo, tão marcado por um imbricado de conjunturas e fatos dramáticos entre os humanos, e entre os humanos e a natureza.

A iniciativa do Cônsul-geral do Líbano no Rio de Janeiro, Dr. Alejandro Bittar, acende uma nova luz, que alegra os nossos corações. E quando me refiro a “nós”, quero me referir não apenas à comunidade árabe, mas, além dela, todas as outras comunidades com as quais ela convive.

O surgimento da ALB é um marco de otimismo esperançoso para todos nós que tivemos a satisfação e a honra de participar da sua fundação e, certamente, será fonte permanente de inspiração para os que conhecerem suas narrativas, histórias e força diaspórica. Para mim, maior honra, ainda, é ocupar a cadeira 33 do Patrono, Monsenhor Alphonse Nagib Sabbagh.

E este é o momento para homenagear aquele que foi meu professor, minha inspiração, um humanista de grande relevância, no âmbito universitário brasileiro, na minha vida e na minha formação. À língua que aprendi com a convivência com meus avós, sua docência imprimiu o aperfeiçoamento e a disciplina da Academia



Foi com ele que fui ao Líbano pela primeira vez e, ainda, me lembro da nossa chegada a Beirute.

Outro Patrono da ALB, da cadeira 25, com quem tive a honra de conviver e a alegria de conhecer e estudar a sua obra que, também, merece toda a minha homenagem é Salim Miguel, ele que é luz e pacífica pela palavra. Nos preparamos para a comemoração do seu centenário em 2024!

Homenageá-los é como reverenciar Beirute, cidade recentemente alvo de uma explosão catastrófica e que, ainda no século XX, foi a responsável pelo renascimento das letras árabes, considerada no dizer do poeta sírio, escritor, editor, diplomata, Nizar Qabbani, “a mãe do mundo”!

Dois libaneses resilientes, amorosos, generosos, hospitaleiros, com sólida formação humanista, linguística e literária. Alphonse Nagib Sabbagh – professor, pesquisador, idealizador e criador do Setor de Estudos Árabes da Faculdade de Letras, do Departamento de Letras Orientais da (Universidade Federal do Rio de Janeiro) UFRJ, nosso Monsenhor; Salim Miguel – escritor, cineasta, jornalista, roteirista, editor e gestor cultural, que dirigiu a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de 1983 a 1991.

Duas expressões humanas que dignificaram as instituições em que atuaram e que agiram concretizando a missão da universidade aberta aos povos e aos saberes, comprometida com a produção do conhecimento inovador e libertador, atenta a cuidar e se reconciliar com as circunstâncias, para a construção de um mundo mais justo, solidário e igualitário.

Alphonse Nagib Sabbagh sempre foi uma liderança amorosa e, em entrevista concedida para o Jornal da UFRJ, em 2009, antes de completar os seus 90 anos, contou que, quando estudava em um pequeno colégio episcopal da sua cidade natal, no Líbano, desde criança, percebia uma intensa aproximação entre a vocação religiosa e o magistério.

Ao concluir o seminário, complementando os estudos em Filosofia e Teologia na Europa, passou a dedicar parte do seu tempo ao seu outro sacerdócio: o acadêmico-cultural. E foi no Brasil, sobretudo na Faculdade de Letras (FL) da UFRJ, que Monsenhor Alphonse fez do seu encontro com a vocação acadêmica uma carreira plena em excelentes realizações, criando o Setor de Estudos Árabes da FL e elaborando o primeiro dicionário português-árabe, uma das mais relevantes obras da lexicografia árabe-lusófona editadas no Brasil. As dificuldades de aplicar um método para o ensino do idioma sem um material didático específico foram a sua principal motivação para a elaboração do dicionário, um grande desafio que ele soube enfrentar com muito afinco.

“Começamos a dar aula de língua árabe, mas não tínhamos manuais, gramáticas, nem dicionários do árabe para o português ou do português para o árabe. Começamos na faculdade, em fichas, tudo manuscrito, a reunir as palavras e fazer as traduções. Assim nasceu o primeiro dicionário”, recorda Alphonse [na entrevista concedida ao jornalista Márcio Castilho, no Jornal da UFRJ]. Sabia, como ninguém, fazer do limão uma limonada, naquela ocasião não contávamos com computadores e, ainda, me lembro que ele fazia fichas de cartolina, a partir das caixas de sapato que conseguia nas lojas do Saara.

Nada devia ser descartado, reutilizava aquele material e o fazia numa época em que não ouvíamos falar de ações que se caracterizavam pela defesa do meio ambiente!

Fui, com muito orgulho, sua aluna e, com ele, ainda no começo da minha graduação, iniciei-me na pesquisa filológica, linguística e literária. Um mundo novo se abria, estava eu desvendando a língua do segredo. Ele era uma figura admirável, adorável e plena em sabedoria! Suas aulas eram sempre inspiradoras e reveladoras.

Para ele, “o dicionário era a expressão de um trabalho didático e profissional acumulado para traduzir a riqueza de uma língua e da cultura de um povo, que depois se tornaria instrumento de trabalho”. Dizia não existir ensino de língua árabe ou qualquer outra língua sem dicionário.

Considerava “a Universidade como a sementeira da cultura, atuando a serviço da sociedade”. Monsenhor Sabbagh contribuiu essencialmente para a formação específica, humanista e holística de cada um de nós, seus alunos e colaboradores.



Para Nagib Sabbagh, “o ser humano, para progredir, tem que vencer todas as dificuldades que eventualmente encontra na vida. O sacrifício faz parte da religião e, também, da cultura. A religião não é obscurantista no sentido de fazer com que as pessoas acreditem naquilo que elas não conhecem. A religião pode e deve caminhar com a cultura e a ciência para vencer muitos problemas, tanto sociais como individuais”.

Já o libanês Salim Miguel teve um percurso singular pela cultura brasileira. Sua obra literária e atuação como gestor cultural fizeram com que ganhasse admiráveis prêmios e distinções, como o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra (2009), reconhecimento máximo conferido pela Academia Brasileira de Letras; o título de Doutor Honoris Causa da UFSC (2002) e o prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano (2002) da União Brasileira de Escritores (UBE-RJ).

Foi homenageado como personalidade com o troféu Franklin Cascaes de Cultura por sua atuação como gestor cultural. Ele contribuiu, com a sua experiência e generosidade, para a criação da Editora da UFRJ, já que havia sido o responsável pela criação da Editora da UFSC, tornando-a uma das principais agentes da criação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias.



E, por curiosidade, o primeiro livro a ser publicado pela Editora da UFRJ, em parceria com a Editora Ao Livro Técnico, foi o dicionário de português-árabe de autoria de Alphonse Nagib Sabbagh. Na ocasião, foi a obra mais vendida da Editora da UFRJ.

Salim Miguel – que chegou ao Brasil vindo do Líbano com seus pais, na década de 20 do século XX –, com mais de sessenta e quatro anos de sólida aventura literária, marcou a sua obra com ousadia, transgredindo os cânones do seu tempo, e soube, como ninguém, iluminar a palavra. Ele foi, inicialmente, alfabetizado em alemão, em Santa Catarina, quando de sua infância em Biguaçu, cidade de colonização alemã, na Grande Florianópolis. Mais tarde, após aprender a ler em português, lia em voz alta para um velho cego, como fazia o personagem Jorge de Burgos, em O Nome da Rosa, conhecida homenagem que Umberto Eco fez a Jorge Luís Borges. Lia desde nomes sem importância até as obras de Schopenhauer. O menino da aldeia de Koura, a mesma de meu avô, ao chegar ao Brasil, ouvia não somente o árabe, mas também o alemão e o português. Quantas línguas, quantas vozes, quantos olhares, quantas luzes!

Dentre suas excelentes e festejadas obras, destaco Nur na Escuridão, romance merecidamente premiadíssimo, que foi traduzido, quando Salim ainda era vivo, para o árabe e lançado no Líbano, com o apoio de Roberto Khatlab, diretor do Centro de Estudos e Culturas da América Latina da Universidade Saint-Esprit de Kaslik e pesquisador no Centro de Estudos da Emigração Libanesa da Universidade Notre Dame, no Líbano. O referido romance em árabe recebe o título De Koura ao Brasil, ida... retorno (vale uma leitura mais detalhada sobre o assunto no portal do Instituto da Cultura Árabe).

Para quem não sabe, nur é “luz”; Salim significa “o íntegro”, “o pacificador”, vem da raiz salam, “paz”; e layla significa “noite”. Nur na Escuridão é o romance que, na minha opinião, de alguma forma, contém todas as obras de Salim. É como Beirute, que é, além de uma cidade universitária, universal, pois possui, na sua essência, todas as regiões libanesas, todas as regiões do mundo, todos os credos e etnias, todos os sons, todos os sabores e saberes. Beirute é a conexão viva das culturas em contato. A ele, Salim Miguel, dediquei o ensaio “Layla Iluminada” no livro Salim na Claridade, editado pela Fundação Catarinense de Cultura, em homenagem aos seus 50 anos de produção literária no Brasil.

E por que falar de Alphone Nagib Sabbagh e Salim Miguel? Porque falar deles é homenagear Beirute e todos os libaneses do mundo, é um passo para ampliar a nossa autoestima e o nosso autoconhecimento, uma possibilidade de se conectar com os outros milhões de pessoas espalhadas por todo o planeta. Como diz Roberto Duailibi, na apresentação do livro História Ilustrada do Líbano: “a consciência da origem comum cria, naturalmente, uma solidariedade espontânea, que facilita o diálogo e o entendimento entre as pessoas e os povos”.

Além disso, ao falar da obra desses dois cidadãos do mundo, tem-se a dimensão do que eles fizeram, com empatia e compaixão, pelo Brasil, pelas letras e pela cultura, desde sempre, em prol da humanização e da evolução das pessoas.

E, neste momento tão atípico de nossas vidas, homenageá-los é como reconhecer uma lição deixada por um outro ilustre nome das letras: Antonio Candido. Crítico literário, ensaísta, professor, ele foi defensor da literatura como direito humano básico, porque ela se manifesta universalmente através do ser humano e, em todos os tempos, ela tem função humanizadora.

Candido assevera que não há um ser humano sequer que viva sem alguma espécie de fabulação, pois ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de dedicação ao “universo fabulado”.

Diz que ela “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. A literatura é, para ele, “o sonho acordado da civilização”, e assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”.

É por essa razão que a literatura é fator indispensável de humanização e confirma o ser humano na sua humanidade, por atuar tanto no consciente quanto no inconsciente. Não podemos esquecer que para evoluirmos bem precisamos desenvolver a autoconsciência e o autoconhecimento, e a literatura também contribui para isso.

Salim compreendia esse valor da literatura como ninguém e, em Apontamentos sobre o Meu Escrever, observa que começou a escrever ainda antes de começar a ler. Quando criança, costumava rabisca em alguns pedaços de papel de embrulho da venda do pai, recortando letras de jornais e almanaques, e com isso imaginava estar escrevendo uma história, que depois contava aos amigos da vizinhança reunidos à porta das casas antes da hora de ir dormir. O prazer de escrever, portanto, veio desde a infância, quando inventava ou reinventava histórias, muitas contadas pelos pais e outras tantas, frutos da sua vasta fabulação, incluídas aí as lendas da terra distante ou retiradas das Mil e Uma Noites.

Salim Miguel cultua a palavra, pois em seu ethos a palavra sempre ocupou um lugar especial. Ela anuncia o milagre, a revelação, afinal o verbo desceu do céu. Unem-se mundos e, pela palavra, procura-se desvendar mistérios. Identifiquei na obra de Salim Miguel o estilo árabe, a estrutura da novelística iniciada com as Mil e Uma Noites, pois de um conto ou de um episódio pode surgir outro, a história dentro de outra história, a provocar o leitor, a estimulá-lo a decifrar o enigma, a conviver com o extraordinário. Salim leva para a escrita o seu olhar de cineasta.

Salim presta uma homenagem ao leitor, tornando-o cúmplice da sua narrativa. Sua obra é viva e vivifica. O leitor passa a ser envolvido pela beleza e pela delicadeza da narrativa, pelo poder insinuante das palavras e pela intensidade das emoções de seus personagens. A narrativa organiza o caos, organiza o discurso, sem perder a sua identidade, a sua personalidade, a sua consciência histórica, e vivifica a Shahrzad, aquela que, ao abrandar o coração do califa contando suas histórias, salva uma sociedade pela palavra!

Em árabe, temos muitas expressões que tocam, ao mesmo tempo, todos os nossos múltiplos sentidos e eu não poderia terminar este texto sem fazer referência a uma delas, a belíssima expressão de amorosidade, hospitalidade e gentileza: “Que teus olhos sejam atendidos”.

O mundo tenta se recuperar de uma pandemia que ceifou a vida de milhões de seres humanos, o Brasil revisita o drama da fome e populações se deslocam em êxodos pela América Latina e África, ou, mais recentemente, são devastadas por terremotos, enchentes, secas, guerras. Neste momento de tanta dor e sofrimento, tenho certeza de que se Monsenhor Alphonse e Salim Miguel aqui estivessem, desejariam que abrandássemos, com as nossas palavras e ações, o coração do mundo!

Suas obras cumprem o papel de apaziguar corpo e espírito, em nossa busca por soluções, respostas e mais amor. São olhos-lentes que nos auxiliam.

Que teus olhos sejam atendidos, Alphonse e Miguel!

Profa. Dra Cristina Ayoub Riche é Professora da UFRJ, advogada, membro da Academia Líbano- Brasileira de Letras, Artes, e Ciências, presidenta do Instituto Latinoamericano del Ombudsman-Defensorías del Pueblo (ILO) e editora da Revista Libanus.





A ESCOLA DE DIREITO DE BEIRUTE E A VOCAÇÃO DOS LIBANESES

Dr. Adib Kassouf Sad

O mestre alemão Rudolf von Ihering afirmou, em magistral obra, que: “A finalidade do direito é a paz, a luta é o meio de consegui-la, enquanto o Direito tiver de afastar o ataque causado pela injustiça, e isso durará enquanto o mundo estiver com os olhos bem abertos, ele não será poupado. A vida do Direito é a luta, a luta de governos, de classes, de indivíduos e a luta de povos”.

Infelizmente, desde priscas eras, o território anteriormente conhecido como Fenícia, hoje praticamente o Líbano (cinco províncias que se uniram após a 1.ª Guerra Mundial), foi marcado por períodos constantes de guerras e invasões, tendo participado da maioria dos grandes impérios que marcaram a história conhecida.

Talvez a vocação do povo fenício, que transcendeu cidades e nações através do seu comércio, com todo um sistema de trocas, vendas e regras, com transações econômicas, além dessa luta constante pela defesa de direitos fundamentais, pela garantia dos direitos naturais de todo homem e mulher que lá viveu ou vive atualmente, tenha colaborado para uma das grandes paixões dos libaneses: o Direito.

Ao lado das escolas de Roma e de Constantinopla, por força do Império, a escola de Direito de Beirute talvez tenha sido a primeira assim concebida no mundo conhecido, tendo sido criada por volta do ano 200 d.C. e já citada por seu epíteto da escola desde o ano 239 d.C, conforme texto de São Gregório.

A mais famosa entre elas, a de Beirute se destaca no Império como centro cultural e de elevada formação de estudos jurídicos, para onde se dirigiam estudantes de todos os lugares, passando a ser depositária das Constituições imperiais para o Oriente, para onde eram transmitidas para publicação, ciência e guarda, em vista do Código Gregoriano, ficando à frente de cidades como Atenas e Alexandria.

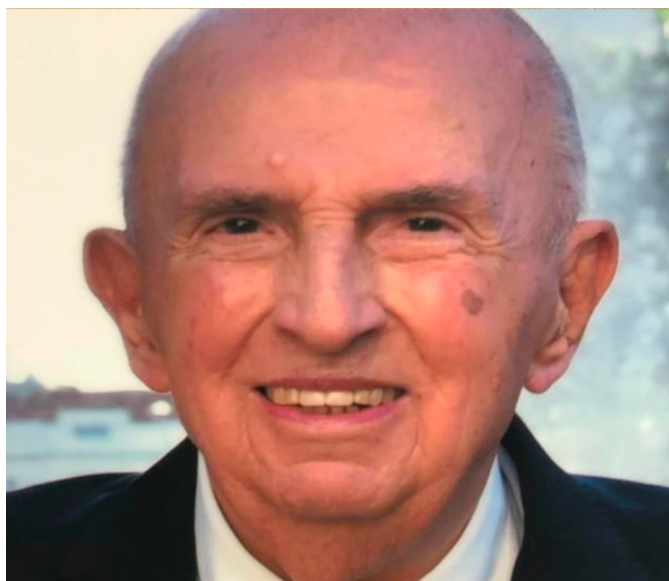
Os professores da escola de Beirute (a cidade das leis) conjugavam a *jurisprudência* com o estudo do depósito de leis, o que lhes permitia, e aos seus alunos, acesso imediato às inovações legislativas do Império e à resposta da Chancelaria à consulta dos litigantes.

Papiniano, considerado o primeiro de todos os juristas romanos e Ulpiano, ambos da escola de Beirute, contribuíram de forma extraordinária para a construção e desenvolvimento do Direito. Este último, apenas a título de exemplo, escreveu mais de 200 obras, tendo muitos trabalhos que acabaram sendo incorporados ao Digesto.

Também são da escola de Beirute, entre muitos, juristas como Gaio, Cirilo, o antigo, Patrício, Domínio, Demóstenes, Eudócio, Anblico, Leôncio Teófilo e Anatólio, sendo possível afirmar que o Código Hermogeniano, provavelmente redigido em Beirute, abrange as Constituições de Diocleciano, de Constantino e de Valentiniano, contribuindo enormemente na elaboração do *Corpus Juris Civilis*.

A escola de Direito de Beirute contribui com a construção do Direito na história, marcando a civilização, até sua destruição pelo incêndio de 16 de julho de 551, causado por um terremoto.

Beirute e Constantinopla mantiveram o vigor da tradição após a queda do Império, aquela fazendo jus aos títulos de metrópole e de depositária de constituições imperiais para o Oriente que recebeu em razão de sua escola.



Certamente, o amor e a vocação pelo Direito continuam vivos entre os libaneses. Em nossas colônias, tanto no Brasil quanto em outros Países, verificamos uma quantidade imensa de libaneses e seus descendentes que atuam no campo do Direito, demonstrando vocação, talento, compromisso com o justo, responsabilidade e ética profissional.

No Brasil, felizmente, são muitos os libaneses e descendentes que figuram na Magistratura (inclusive nas mais altas Cortes do País), no Ministério Público, na Advocacia, na Defensoria Pública e na Segurança Pública, brilhando em suas carreiras e honrando as tradições do Líbano.

Peço licença aos queridos confrades da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências para prestar uma homenagem ao patrono da cadeira número 26, Adib Feres Sad.

Descendente de libaneses, nascido no Brasil, homem reto e profissional brilhante, dedicou sua vida a Deus, à família, ao próximo e ao trabalho bem realizado. Advogado que lutou todos os dias pela realização do justo no caso concreto, sem se preocupar com a opinião pública ou com as críticas. Pautou sua vida profissional na ética e na compreensão das misérias humanas, sempre manifestando uma palavra, um pensamento de compreensão, acolhimento, amizade, misericórdia e orientação para o bem e o correto. Não julgava, apenas compreendia e orientava.

Um verdadeiro advogado que muito ensinou aos que tiveram a honra e o privilégio de conhecê-lo. Honrou as melhores tradições libanesas e a Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências nos dá a oportunidade de prestar-lhe esta homenagem.

Dr. Adib Kassouf Sad é advogado, Mestre em Filosofia e Professor; membro Academia Líbano-Brasileira.

“RONY BARRAK- POR ELE MESMO”

O artista e compositor, conhecido como o “Rei Mundial da Darbouka” fala sobre sua experiência de intercâmbio e as relações musicais entre o Líbano e o Brasil.

Um resumo da carreira de Rony Barrak

Rony Barrak é um versátil percussionista libanês de renome internacional (especialista em Darbouka), compositor, arranjador, pianista e instrutor.

Recebeu seu Darbouka na tenra idade de quatro anos e começou a tocá-lo intuitivamente. Levado pela autoconfiança precoce, ele fez sua primeira apresentação na TV aos sete anos de idade e ganhou uma medalha de ouro em uma competição na televisão (LBCI) para jovens músicos talentosos no Líbano e no Oriente Médio em 1988.

Desde 1999, Rony produziu 4 álbuns de fusão, Aramba - Karizma - Darbouka City - Cycle of Return, uma mistura colorida entre música oriental e ocidental.

Compôs e estreou três peças da Orquestra Sinfônica “Beirut Sensations” “Pheonicia” e “Boulder Sensations” nos EUA, Alemanha, Armênia, bem como outras músicas de orquestra de câmara que foram estreadas no Al Bustan Festival no Líbano, também encomendadas pelo conjunto de miniorquestra em Berlim para orquestrar e executar “Romanian Folk Dances” de Béla Bartók (Bartok além das fronteiras).

Barrak já percorreu o mundo, tocou e gravou com mais de 20 orquestras sinfônicas de classe mundial, como London Symphony Orchestra, Royal Stockholm Philharmonic, Tokyo Philharmonic.



Tocou com mais de 40 artistas internacionais como Sarah Brightman “Harem world tour” Fairuz, Al Di Meola, Arturo Sandoval, Dave Grusin, Hamilton de Holanda...Apresentaram-se em salas de concertos de grande prestígio como, Royal Albert Hall, Barbican Concert Hall, Sydney Opera House, Philharmonie de Paris, Gewandhaus Leipzig, Kölner Philharmonie...

Desde 2005 até 2019, Rony alcançou um sucesso único como o primeiro solista de Darbouka a se envolver com concertos de música de jogos sinfônicos, um dos principais projetos de videogames sinfônicos do mundo, apresentando músicas de fantasias sinfônicas e fantasias finais, entre outros. Em sua vasta discografia, gravou como artista convidado de destaque mais de 55 Álbuns, deixando seu toque diferenciador.

Desde 2005 até o presente, Rony tem sido um artista convidado principal regular no Morgenland, Festival na Alemanha e membro de um grupo Internacional de “Fusion”, a “Morgenland All Star Band” .

Rony formou um projeto de trio nos EUA "Trio 'N Five" com Vlad Girshevich e Alex Nekrasov. Como um versátil compositor e pianista, ele esteve envolvido em vários projetos musicais para documentários/Anúncios/Músicas/Poesia/Mapeamento 3D. Barrak deu várias master classes e workshops de percussão em faculdades de música, universidades e escolas na Alemanha, Líbano, Finlândia, Noruega e EUA.

Rony faz aparições regulares em programas de rádio e televisão no Líbano e em todo o Oriente Médio, demonstrando consistentemente um forte relacionamento com o público mundial, pois libertou o Darbouka das correntes de seu contexto tradicional de longa data e explorou todo o seu potencial.

O contato com o Brasil.

Desde a minha infância sempre tive essa ligação e interesse pelo Brasil, desde que meu tio (irmão da minha mãe) se mudou para o Brasil na década de 60 e morou lá a vida toda e se tornou brasileiro, e tive a sorte de ser a primeira pessoa da família a visitá-lo, em minha primeira viagem ao Rio, ano 2000, quando lá fiz um show com um artista britânico.

Também com muita gratidão, fui convidado duas vezes pelo "Consulado Geral do Líbano" no Rio de Janeiro para participar de dois eventos em 2017 e 2018.

No entanto, decidi ficar mais tempo no Rio para passar um tempo com meu primo e sua família... e explorar mais o verão e a beleza do Rio, incluindo sua cena musical, já que acabei morando lá por 3 meses e meio em 2018.

A experiência com músicos e eventos brasileiros.

Sempre tive muito amor, respeito e interesse pela música e ritmos brasileiros, principalmente a bossa nova e o samba e o Brasil estava na minha lista desde a infância.

Em 2017 minha visita foi curta, mas especial, pois fui convidado pelo "Consulado Geral do Líbano" no Rio de Janeiro para participar do "Panorama do cinema Libanês- Encontro musical" e dividir o palco com os incríveis "Monobloco & Pedro Luis" na Casa de Cultura Laura Alvim.

A repercussão que tive após o show foi excelente e assim no ano de 2018, fui novamente convidado pelo "Consulado Geral do Líbano" no Rio de Janeiro para participar do evento "FÓRUM-LÍBANO EM FOCO" no Clube Monte Líbano RJ, para tocar com um conjunto de música clássica brasileira, melodias folclóricas clássicas libanesas de lendários libaneses, orquestradas por mim mesmo, incluindo algumas de minhas próprias composições mais melodias folclóricas brasileiras, parte do intercâmbio de culturas.

Tive muita alegria em conhecer, gravar e tocar com grandes artistas brasileiros, alguns de origem libanesa, como Monoblocco, Pedro Luis, Raimundo Fagner, Hamilton de Holanda, Tunai, Ricardo Feghali (Roupa Nova) Evandro Mesquita (Blitz) e nos apresentamos em locais tops como Circo Voador, Beco Das Garrafas, Blue Note... também tive o prazer de conhecer o diretor da Escola de Samba "Beija Flor", quando tive a oportunidade de passear pela escola, com muita alegria aprendendo sobre o processo da preparação do Carnaval. .



Dois eventos excepcionais que jamais esquecerei e sempre tive o sonho de participar, o réveillon e os fogos de artifício em Copa Cabana e o carnaval principal.

Participar de alguns blocos, com certeza foi uma experiência única! Apenas a sensação de estar no meio de milhares de pessoas, definitivamente foi uma explosão para mim! Nunca pensei em participar de tal evento, vestindo fantasias engraçadas, caminhando com paixão e vendo tanta alegria de todos! Senti-me um verdadeiro carioca! Posso dizer que nunca fui ou fiz nada parecido!

Mas o que foi o ponto alto da minha viagem, foi o convite que recebi da Escola de Samba Beija Flor para assistir o carnaval em seu próprio camarote no 3º dia de carnaval.

Um sonho realizado, assistir ao vivo o Carnaval, foi a explosão da minha vida!. Fiquei impressionado com todo o evento do começo ao fim.

A cena do “Cristo Redentor” eu chamo de “paraíso na terra”. Foram três meses e meio no Rio de Janeiro, uma lembrança que permanecerá comigo para sempre, e deixe-me dizer que foi um dos meus melhores momentos.



Eu tive tanta emoção e alegria que não consegui expressar essa experiência incrível... Uma imagem maravilhosa que jamais esquecerei.

Foi homenageado como personalidade com o troféu Franklin Cascaes de Cultura por sua atuação como gestor cultural. Ele contribuiu, com a sua experiência e generosidade, para a criação da Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), já que havia sido o responsável pela criação da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tornando-a um dos principais agentes da criação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias. E, por curiosidade, o primeiro livro a ser publicado pela Editora da UFRJ, em parceria com a Editora Ao Livro Técnico, foi o dicionário de português-árabe de autoria de Alphonse Nagib Sabbagh. Na ocasião, foi a obra mais vendida da Editora da UFRJ.

A experiência de tocar com o grande músico Hamilton de Holanda

Tocar com Hamilton de Holanda algumas vezes, também foi marcante para mim! Ele é um jogador notável, único como ser humano também.

Ainda me lembro e sinto o burburinho que tive no palco tocando com ele no Circo Voador... a galera estava delirando com tanta energia por todos os lados, encerrando o evento com a Turma de Samba (cerca de 20 sambistas) incendiando o local com seus sambas grooves incríveis, foi uma verdadeira aventura.

No geral, a experiência que ganhei vivendo nesta cidade mágica, desde música, pessoas, comida, praia, passeios turísticos ... não poderia ser comparada a nenhum outro lugar do mundo.

Simplesmente eu realmente adoro a fusão da música brasileira, tanto para aprender como para absorver.

*** O que pensa sobre o intercâmbio de música brasileira e libanesa (através da participação em festivais, workshops, masterclasses, etc)**

Na minha opinião, há um casamento muito bom entre os dois estilos, por isso a inspiração desempenha um grande papel na minha carreira musical, principalmente na música brasileira.

Em dois de meus álbuns de música, apresentei algumas músicas inspiradas na música brasileira.

No álbum “Darbouka City, uma música se chama “BraziLebanesa” com vocais árabes incluindo instrumentos brasileiros.

No Álbum Aramba, uma música de percussão chamada “Two Worlds” foi gravada em Londres em 1999, com a participação do percussionista brasileiro Bosco D'Oliveira. É uma música de percussão, meio festival, gira em torno de uma conversa entre um groove árabe “Maksum” e o Samba Groove.

Acredito no intercâmbio musical, principalmente entre a música árabe e a brasileira, para que possa conectar as duas culturas e as pessoas. No entanto, aprendi que muitas músicas brasileiras que ouvi, poderiam funcionar muito bem com arranjo árabe e vice-versa.

O Líbano e o Brasil têm muitas semelhanças em seu estilo de vida, um intercâmbio musical e artístico em todos os aspectos pode acontecer através de festivais, workshops e master classes entre os dois países... é mais sobre um movimento governamental e outras associações que têm interesse e conexões entre ambos países, também a mídia poderia desempenhar um papel ativo nesta parte.

*** Qual é a perspectiva da sua carreira**

Desde 1988 até o presente, tenho aparições regulares em programas de televisão e rádio no Líbano e em todo o Oriente Médio, demonstrando

consistentemente um forte relacionamento com o público mundial, levando meu esforço para reunir

tradições musicais ecléticas para o próximo nível. A perspectiva da minha carreira é espalhar minha música e arte de verdade por onde eu for, com energia positiva e honestidade.

E tenho o privilégio de compartilhar esta posição Honorária ao lado dos grandes e notáveis "Gabriel Yared" e "Paulo Coelho" incluindo outras personalidades excepcionais...

Faltava no mundo e à diáspora uma instituição de excelência que pudesse congrega e ser uma porta-voz dos libaneses e descendentes nos países da imigração. E a Academia veio para isso. Muito obrigado ao Cônsul Geral do Líbano no Rio de Janeiro, Dr. Alejandro Bitar, por essa iniciativa ímpar.



SINFONIA DE UM **HOMEM** **COMUM**

José Joffily

Minha formação, como de boa parte da minha geração, incluiu centenas de filmes americanos. Na real, nos inocentes filmes de bang-bang aprendíamos sobre a colonização do oeste americano. Conhecíamos mais os cheyennes do que os xavantes. Sabíamos mais de Touro Sentado do que qualquer outra liderança indígena brasileira. As histórias americanas desfilavam nas telas dos cinemas, contando a narrativa dos heróis, dos “bravos colonizadores” enfrentando as dificuldades com os inimigos dessa marcha para o oeste; os povos originários daquelas paragens. Os colonizadores avançavam com suas famílias em carroças que levavam a mudança definitiva e o espírito indômito dos desbravadores.

Nos embates onde o sangue jorrava fácil, os colonizadores brancos eram sempre salvos pela valente cavalaria que surgia do nada. Salvo engano, esse padrão de narrativa foi subvertido pela primeira vez por Arthur Penn no filme “Pequeno Grande homem” com o protagonismo sensacional de um centenário chefe indígena interpretado por Dustin Hoffman. Há tempos não revejo o filme que retrata o que ficou conhecido com a batalha de Little Big Horn. O filme, narrado pelo velho cacique -magnificamente caracterizado por Hoffman- retrata o massacre de centenas de mulheres e crianças pela cavalaria americana comandada pelo famoso General Custer, até então entronizado no panteão dos heróis americanos. Digamos que a cavalaria americana, responsável pelo massacre, pelo menos nos filmes já não brilhava muito



Mas claro que os filmes de bang-bang não foram os únicos a nos formar. Toda a gigantesca produção hollywoodiana caprichava promovendo o estilo de vida americano e as vitórias contra os maus, fossem eles os mexicanos -enquadrando aí todos os latinos- alienígenas marcianos, asiáticos ou outros que eventualmente mostrassem alguma diferença do americano médio.

Acho que foi por conta dessa sólida formação, que mesmo sabendo das outras dezenas de invasões de tropas americanas no mundo real e o desejo de exportar o que eles consideravam democracia e que nada mais era do que o exercício de poder visando o controle de países e seus meios de produção, ainda resistimos a crer em barbaridades relatadas ao vivo.

Quando o embaixador José Mauricio Bustani veio à minha casa em 2002 e contou sua inacreditável saga até ser demitido da direção geral da OPAQ, - organização multilateral encarregada de proibir e fiscalizar o uso, a fabricação e mesmo a guarda de armas químicas - tenho de confessar, custei a acreditar em toda a narrativa. Principalmente nos trechos em que ele relatava a violência que tinha sofrido: entre outras a escuta clandestina montada na parede de seu escritório no prédio da organização sediada em Haia.



Em seguida tinha o relato da ameaça velada à integridade dos seus filhos caso não abdicasse da direção geral da organização. Na prática, como Bustani se negara a atender os desígnios dos embaixadores americanos, comandados por John Bolton, a profunda retaliação resultaria numa Assembleia Geral extraordinária inteiramente irregular com o propósito de demiti-lo. Nesses momentos, sua mulher, Janine, escutou conselhos para que Bustani evitasse tomar até a água servida nas dependências do imenso prédio da OPAQ na Haia.

Tudo isso porque o diretor geral José Bustani, com o propósito de ampliar o número de filiados à organização que dirigia, cumpria sua principal missão: alinhar o maior número de países à OPAQ, tornando-a cada vez mais representativa. E nesse momento, em seguida a ser reconduzido para mais uma gestão à frente da organização multilateral, a maior oposição dos americanos era exatamente à recente conquista a qual Bustani tinha se dedicado nos últimos meses. O Iraque era o alvo desse imenso desagrado. Era fato sabido pelos inspetores que conheciam os depósitos iraquianos que o país não possuía mais armas químicas -armas que já tinham usado na guerra com Irã e contra seu próprio povo, os curdos. Apesar desse notório conhecimento, expresso, entre tantos outros, por Scott Ritter, inspetor chefe da ONU, os EUA insistiam na presença dessas armas, como alegação para justificar a invasão do país. Bustani resistia à falácia e era o empecilho a ser removido.

Mas isso são tudo fatos e feitos atraentemente relatados no filme SINFONIA DE UM HOMEM COMUM. A verdade é que quando Bustani saiu do meu apartamento em Copacabana naquele dia de 2002, quase em estado de choque, fiquei pensando: não é possível, só gangsters, poderiam agir assim.

E mesmo assim, gangsters do cinema americano. Mas, em seguida fatos se sucederam de uma forma quase vertiginosa comprovando a narrativa de Bustani. Autoridades americanas plenas de credibilidade, como Colin Powell, contrariando pareceres técnicos afirmavam que haviam armas de destruição em massa no Iraque. Com Bustani já removido de suas funções, a OPAQ não era mais empecilho para a invasão. Em suma, tudo que ele havia previsto, acontecia. Toda a armação se comprovava e com a destruição do Iraque sob a alegação de que possuía armas químicas, entre civis e militares morreram mais de 300 mil iraquianos e milhares de soldados americanos.

Efetivamente, a sequencia dos acontecimentos, me despertava o desejo de fazer SINFONIA DE UM HOMEM COMUM. De início, seria um filme de ficção. Achava que com os fatos dramatizados teria mais liberdade narrativa e os episódios seriam melhor contados. Escrito o roteiro, assim que demos alguns passos para captar os recursos necessários, sentimos que os valores do orçamento poderiam ser captados, mas demandariam anos na função. Foi então que partimos para fazer um documentário, gênero de orçamento sempre menor. Tomaria meses de pesquisa, mas era mais acessível.

Em 2002 com sua recusa, Bustani desafiara um império. Sozinho. Apesar de funcionário internacional, sua nomeação contou com a promoção do governo brasileiro. Mas, cinco anos depois, as ameaças que sofreu não tiveram a solidariedade dos que o ajudaram a se eleger. Num pragmatismo feroz, o enfrentamento com os Estados Unidos recomendava que não era saudável esse embate e Bustani e foi demitido.

Para o filme, considerei que revelando o exímio pianista e músico apaixonado que era, ajudaria ao espectador de nossa história a se aproximar do Bustani como um “homem comum”. Aposentado e despido das credenciais de diplomata ficaria mais próximo de todos. Assim fizemos, costurando sua paixão pela música com a narrativa do episódio que se revelava ao longo dos 84 minutos de duração do filme.



Na real, somente no contato permanente com os personagens de um documentário vamos nos conhecendo melhor. Ao longo dos quatro anos que convivemos intensamente na realização de SINFONIA DE UM HOMEM COMUM, nós, a equipe do filme, nos perguntávamos sempre o que faríamos se sofrêssemos as pressões e ameaças semelhantes às que Bustani sustentou ao longo da gestão da OPAQ. Invariavelmente, nas muitas ocasiões em que nos colocávamos essas questões, a resposta era negativa. Entendíamos que alguém debaixo de tantas pressões poderia ceder. Mas acredito que Bustani tem uma cobrança interna muito forte com suas convicções. Ou, se ficar mais compreensível, podemos dizer que é um sujeito teimoso. Na abertura do nosso filme, o episódio com a escolha do piano no qual deveria se apresentar num concerto na Sala Cecilia Meirelles, ilustra bem sua personalidade.

Ao longo do extenso processo de elaboração do filme, não só se entende melhor o personagem que elegemos como protagonista, como passamos a compreender o universo onde ele circula. No caso do SINFONIA, esse aprendizado foi imenso. Ao final do documentário, todos da equipe, não só passamos a admirar o Bustani como também a compreender a importância das organizações multilaterais na gestão dos conflitos geopolíticos. Ou pelo menos terminamos com essa sensação, diria que, semelhante à dos espectadores que mais tarde veriam nosso trabalho.

Na confecção de um documentário, ao contrário de filmes de ficção escutamos mais que falamos. E, por conta dessa escuta, saímos sabendo muito mais do que no início das filmagens. O processo de edição consolida o entendimento. Foi assim que o conceito de multilateralidade das organizações internacionais invadiu nosso dia a dia e entendemos que a influência dos países que mais contribuem com o financiamento das instituições, confere também a eles um poder maior na condução de seus interesses. Mas, como diz, Celso Amorim, um dos depoentes do SINFONIA DE UM HOMEM COMUM, melhor uma organização multilateral deficiente do que deixar negociações por conta da bilateralidade.

Não queríamos que a invasão do Iraque fosse vista como algo pertencente ao passado. Achávamos importante que essa história fosse atualizada. Quando anos depois Bustani foi convocado para dar seu depoimento no Conselho de Segurança da ONU sobre a manipulação de relatórios dos inspetores da OPAQ, surgiu a oportunidade de fazer essa atualização. No desfecho do SINFONIA DE UM HOMEM COMUM, Bustani, impedido mais uma vez de se manifestar, atualiza a necessidade de que organizações internacionais sejam monitoradas.

Concluindo, independentemente dos propósitos que conduzem as organizações internacionais, é sempre determinante a independência que cada gestor deve imprimir à sua tarefa.

Quis o destino que a imensa pressão exercida sobre a OPAQ em 2002 para afastar empecilhos à invasão de um país, encontrasse à frente da organização alguém como o Embaixador José Mauricio Bustani, que no seu último discurso como diretor geral, diante da Assembleia Geral, forjada ilegalmente para destitui-lo, ratificou os princípios que o nortearam a permanecer no seu posto, chamando à responsabilidade os intimidados e constrangidos eleitores:

Se tivesse renunciado e concordado em me retirar, meus algozes teriam me dado “uma saída digna” e minhas conquistas ao longo de cinco anos de gestão teriam sido até mesmo aplaudidas, entretanto me recuso a renunciar, não porque quero me agarrar à minha posição, mas porque não renunciando estarei preservando o direito a cada um de vocês e até mesmo aos menores países membros entre vocês de declararem publicamente sua posição nessa questão muito séria.... “

Com esse fecho no seu discurso de despedida, Bustani chamava às falas os embaixadores de todos os países alinhados à OPAQ, que, na sua maioria pressionados pelo país hegemônico terminariam votando por sua destituição assim contribuindo na liberação de mais um empecilho à destruição de um país.

Como o tempo é mesmo senhor da razão, em seguida à tragédia onde morreram centenas de milhares de pessoas, ficou provado que Bustani estava certo, o Iraque não tinha mesmo armas de destruição em massa. Aliás, como testemunharia singelamente o General Colin Powell, antes tão assertivo sobre a existência dessas armas.

O resto é a história recente. Depois de punido e vagando meses pelos corredores do Itamaraty, Bustani, eleito Lula, reconhecida sua destemida resistência, foi nomeado nosso embaixador na Inglaterra e depois na França. Hoje, funcionalmente aposentado, mas extremamente ativo, Bustani se exercita no piano e continua informado sobre todas as questões que tratava quando na ativa.

José Joffily

É cineasta, diretor, roteirista, produtor e ator brasileiro. Dirigiu o documentário “ Sinfonia de um homem comum”, sobre a história do diplomata brasileiro José Maurício Bustani.



EU TE DESEJO UM MUNDO LIBANÊS

Dra. Renata Abalém

O sonho de qualquer escritor é ser lido. Posso contar sobre essa experiência e digo que nela reside um misto de sensações... textos são como filhos e por óbvio, lembramo-nos dos momentos nos quais foram concebidos e quando foram lançados ao mundo. Mas, uma vez públicos, deixam de ser nossos para serem abraçados por qualquer que por eles se identifique, mesmo que estes, por amá-los demais, deles se apropriem.

Passsei por isso e já há três anos a experiência se repete... e quando acontece, é uma avalanche de emoções.

Digo isso para começar a contar a história de um texto meu, simples, despretensioso, que por obra do mundo virtual, pelas minhas contas, já foi traduzido para no mínimo, sete idiomas e que talvez você já tenha lido, pois no final do ano ele é distribuído como os melhores votos para o ano seguinte.

Conto a história:

Estava eu com Covid no final de 2020, em isolamento, oscilando momentos de febre, sono e medo.

Como sempre, emocionada com a vida, o que a doença não me roubou. Eu borbulhava. E com a intenção simples de desejar um “Feliz Ano Novo” aos amigos, escrevi meus votos no dia 31.12.2020 e enviei para alguns grupos de WhatsApp e publiquei nas minhas redes.

Algumas poucas horas depois e digo poucas porque em menos de cinco horas depois eu comecei a receber mensagens de amigos que disseram ter replicado o texto, pois o mesmo “falara” muito ao coração deles.

No dia seguinte de manhã, alguns amigos de outros estados começaram a receber o texto em inglês e português, mas sem assinatura.

Às 16:53h do dia 1º de janeiro de 2021, recebi uma mensagem de um nosso confrade, Roberto Duailibi, que ainda não conheço pessoalmente, perguntando-me da autoria do texto, pois havia recebido o mesmo em português e em inglês, de uma sua prima que vivia nos Estados Unidos. Na mensagem, ele profetizou que o texto viralizaria. Comentei da simplicidade das palavras e da ausência de outras intenções, a não ser é claro, os singelos votos comuns nos finais de ano.

Ele fez a gentileza de publicar o texto e falar sobre mim na página que mantém na internet: familyd.net, situação que me resguardou a autoria, pois nos anos seguintes, li o texto muitas vezes como se fosse de outros autores. Muito obrigada Duailibi!

Às 21:00h do mesmo dia já havia recebido o texto em francês.

No dia seguinte, meu aniversário, recebi o texto em árabe.

Que presente! Espanhol, alemão e até turco! Digo que é uma sensação bem interessante essa.

Aprendo com esse texto todos os anos quando ele, de alguma forma, chega até mim (ele é replicado desde então): que texto bom é aquele escrito com emoção... mas, o maior ensinamento é que o Líbano é de todos nós e está na nossa realidade e na nossa imaginação como sempre estive e como sempre estará.



Eis o texto:

Eu te desejo um ano libanês...um ano de renascimento como só o Líbano serve de exemplo..

Eu te desejo um ano de fartura, como são as nossas mesas;

Um ano doce, como são as nossas frutas;

Um ano perfumado como é a nossa água de rosas.

Eu te desejo um ano de abraços e beijos, como nós gostamos de dar...

Um ano de muita música e dança como são as nossas festas...eu te desejo uma grande roda de amigos, como são as nossas rodas de dabke..

Eu te desejo um ano libanês...

Um ano de riquezas como as nossas, que somos os inventores do comércio;

Um ano de aceitação como aceitamos todos os credos que estão no nosso solo.

Eu te desejo um ano libanês.. que você alcance o favor do mundo, que a sua história dure milhares de anos e seja recontada pelos séculos em todo o planeta...que você tenha para dar e repartir e o coração aberto para receber qualquer refugiado que bater na sua porta.

Que seus navios sejam fortes e suportem o mar aberto e as tempestades como as naus fenícias.

Eu te desejo um ano libanês.. que você seja diferença em qualquer lugar para onde for, que você seja o mascate das boas notícias, a terra fértil do Bekaa e a firmeza das montanhas do Ehden, independente do seu tamanho....porque temos apenas 10.452 km e somos o maior país do mundo...A porta do Universo...Eu te desejo um 2021 libanês. ./ Renata, 31.12.2020

E como autora, quero traspassá-lo! Permita-me:

EU TE DESEJO UM MUNDO LIBANÊS

Eu te desejo um mundo libanês!

Águas claras e pacíficas como as de Jounieh..

Secretos e lindos segredos como os de Jeita;

A eternidade como o Bekaa..(junto com a melhor esfiha do mundo)

Noites adoráveis como as de Beirute;

Histórias como as de Hirão;

Poesias como as de Tuéni,

Filosofia como a de Gibran.

Que você consiga entender as mensagens como as de Jbeil;

Que você tenha raízes profundas como as dos Cedros de Deus....

Que você alcance os lugares altos, como a ponta dessas árvores e

Suporte qualquer dificuldade como o Lazzab, a árvore que não está na bandeira, mas não é menor em importância.

Que você ande nas nuvens como nós andamos em Ehden,

Que resista ao inimigo, como nós fazemos no Norte;

Que você tenha a coragem e a valentia das mulheres de Zgharta.

Que você possa brindar com o melhor vinho e banhar-se no melhor azeite...

Que você possa morar no Líbano que desejar, o Líbano das suas mais doces memórias, o Líbano fecundo e próspero, real e imaginário..

Que você possa sonhar como todos nós libaneses, que sonhamos com um país melhor porque somos o Universo em poucos quilômetros.



Dra Renata Abalém

É advogada, escritora e secretária geral da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências.

CONTO ÁRABE

O CEGO E A PLACA

Havia um cego que se sentava sempre na calçada de uma das ruas e colocava o chapéu à sua frente e uma placa com a seguinte frase: "Sou cego, por favor me ajude". As pessoas iam passando, mas poucos colocavam dinheiro no chapéu do cego. Um transeunte percebeu esse fato, aproximou-se, depositou umas moedas e, sem pedir permissão ao cego, pegou a placa, reescreveu nela outra frase e foi embora.

O cego começou a perceber que seu chapéu estava ficando cheio de dinheiro e que o motivo seria o que aquele homem escrevera na placa. Então, ele perguntou a uma pessoa que passava o que estava escrito. Ela respondeu: "É primavera, mas eu não consigo ver a beleza da estação!".



É PRIMAVERA, MAS
EU NÃO CONSIGO VER
A BELEZA DA ESTAÇÃO

CONTO ÁRABE

OS QUATRO ALUNOS ESPERTOS

Era uma vez quatro universitários que passaram a noite toda festejando e se divertindo e não se prepararam para a prova marcada para o dia seguinte. De manhã, os quatro bolaram um plano “inteligente”: Eles se lambuzaram com lama e foram direto para o reitor da faculdade, com a história de que tinham ido a um casamento na noite anterior, na volta um dos pneus estourou e tiveram que empurrar o carro até encontrar um borracheiro e, por esta razão, eles não estavam em condições psicológicas para fazer o teste naquele dia.

O reitor pensou por alguns minutos e decidiu adiar a prova por três dias. Os quatro alunos agradeceram e prometeram uma boa preparação para o teste. Quando chegou a data marcada, o reitor pediu para cada um deles fazer a prova em salas separadas. Qual foi a surpresa quando viram que a prova consistia em apenas duas perguntas: A 1ª pergunta: Qual é o seu nome? (valia 1 ponto). A 2ª pergunta: Qual pneu estourou no dia do casamento? (valia 99 pontos).



CONTO ÁRABE

OS CEGOS DO CORAÇÃO

“O mundo é cego, e tu vens exatamente dele.”
(Dante Alighieri) A seguir, a emocionante e singela história do escritor libanês Salam El Rassi que nos faz pensar e refletir sobre a vida: "Certa vez, uma mulher deficiente visual, inteligente e perspicaz, vivia em minha aldeia. Todas as noites, ela costumava visitar as casas do vilarejo e nunca errava o caminho ou perguntava pela localidade. Uma noite, eu a vi voltando para sua casa carregando um lampião na mão que iluminava tudo ao seu redor.

Perplexo, perguntei: - “Deus te desproveu da luz e você não enxerga, então por que você está usando este lampião?” -"Quero iluminar o meu caminho diante daqueles cegos do coração, para que não tropecem em mim e me machuquem", ela nos respondeu. Nesse momento, o mundo inteiro se iluminou dentro de mim."





NÃO VÁS TÃO DOCILMENTE

(Homenagem ao saudoso Dr. Roberto Curi Hallal)

Não vás tão docilmente nessa noite linda;
Que a velhice arda e brade ao término do dia;
Clama, clama contra o apagar da luz que finda.

Embora o sábio entenda que a treva é bem-vinda
Quando a palavra já perdeu toda a magia,
Não vai tão docilmente nessa noite linda.

O justo, à última onda, ao entrever, ainda,
Seus débeis dons dançando ao verde da baía,
Clama, clama contra o apagar da luz que finda.

O louco que, a sorrir, sofreia o sol e brinda,
Sem saber que o feriu com a sua ousadia,
Não vai tão docilmente nessa noite linda.

O grave, quase cego, ao vislumbrar o fim da
Aurora astral que o seu olhar incendiaria,
Clama, clama contra o apagar da luz que finda.

Assim, meu pai, do alto que nos deslinda
Me abençoa ou maldiz. Rogo-te, todavia:
Não vás tão docilmente nessa noite linda.
Clama, clama contra o apagar da luz que finda.

**Dylan Thomas/ "Don't go kind
into that good night"**

(Tradução de Augusto Campos)

PATRONO DE HONRA



**DR. ROBERTO
CURI HALLAL**

PATRONOS



1) ANTÔNIO HOUAISS



2) ASSAAD YOUSEF ZAIDAN



3) ROSE MARIE MURARO



4) ADIB JATENE



5) ELIAS FARHAT



6) EMIL FARHAT



7) ALMIR CHEDIAK



8) ODETTE EID



9) ARNALDO JABOR



10) FÁBIO SABAG



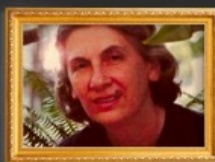
11) AZIZ AB`SABER



12) CHAFIC MALUF



13) ANTÔNIO MALUF



14) DIANA MUSSA



15) FOED CASTRO CHAMMA



16) ANTÔNIO NÁSSARA



17) IVON CURI



18) JANETE CLAIR



19) JOÃO SAYAD



20) TITO MADI



21) JAMIL AL MANSUR HADDAD



22) MANSOUR CHALITA



23) NEUSA MARGEM



24) PETER MEDAWAR



25) SALIM MIGUEL



26) ADIB FERES SAD



27) JORGE ZAHAR



28) TUNAI



29) ANTONIO ABUJAMRA



30) WALTER HUGO KHOURI



31) JAMIL HADDAD



32) JORGE MEDAUAR



**33) ALPHONSE NAGIB
SABBAGH**



**34) SAMIRA NAHID
MESQUITA**



REVISTA LIBANUS PRÓXIMA EDIÇÃO

- ENTREVISTA:

Pedro Simon
Roberto Duailibi

- ARTIGOS:

Dalal Achcar
Tim Rescala
e muito mais...

- ESPECIAL:

Feiruz- A Diva do Líbano
100 anos de Salim Miguel

